

Luan Zanoni

**A IDENTIDADE DO DISCÍPULO DE JESUS NO ITINERÁRIO  
DA FORMAÇÃO DO CANDIDATO AO PRESBITERADO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Galdino  
Feller

Florianópolis  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC.

Zanoni, Luan

A identidade do discípulo de Jesus no itinerário da formação do candidato ao presbiterado / Luan Zanoni; orientador, Vitor Galdino Feller — Florianópolis, SC, 2021. 102 p.

TCC (Graduação – Teologia) – Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Discipulado. 2. Formação Presbiteral. 3. Formação Integral II. Título.

Luan Zanoni

## **A IDENTIDADE DO DISCÍPULO DE JESUS NO ITINERÁRIO DA FORMAÇÃO DO CANDIDATO AO PRESBITERADO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 12 de agosto de 2021.

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva  
Coordenador do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Vítor Galdino Feller  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Dr. Vilmar Adelino Vicente  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador

---

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador



À minha mãe e ao meu pai (*in memoriam*), à diocese de Criciúma, aos meus benfeitores, aos meus irmãos de seminário e a todos que desejam conhecer um pouco sobre a formação presbiteral e que desejam viver como autênticos discípulos missionários de Jesus.



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo sua infinita misericórdia e bondade, pois, apesar de minha pequenez, me chamou à vocação presbiteral e me concedeu as forças e as luzes para a realização desta pesquisa. Agradeço aos meus pais, Armelindo Zanoni (*in memoriam*) e Santina Pasini Zanoni, e à minha família por me conduzirem, me instruírem e por terem me educado no amor e na fé cristã. Estendo meus agradecimentos à toda a Diocese de Criciúma, na pessoa de Dom Jacinto Inácio Flach, que tanto acredita nas vocações, dando testemunho do Evangelho. Aos meus irmãos de caminhada, que ao longo do caminho me ajudaram a crescer como vocacionado, a todos meus benfeitores espirituais e materiais, aos meus amigos que rezam e acreditam na minha vocação. Aos responsáveis por me orientarem neste belo caminho de discernimento, de modo especial, ao Pe. José Aires de Souza Pereira, ao Pe. Tiago De Moliner Eufrásio, ao Alexandre Borges e a Miriam Siqueira que no período de formação no Seminário Teológico Bom Pastor conduziram-se ao Coração de Deus. Por fim, agradeço ao Professor Doutor Vitor Galdino Feller, orientador desta pesquisa, que me orientou ao cuidado e ao zelo pela vida intelectual e pelo meu crescimento como vocacionado e ao Professor e Historiador Archimedes Napolini Filho que ajudou na correção ortográfica da mesma.





Eu vos darei pastores conforme o meu coração, que  
vos apascentarão com conhecimento e prudência.  
(Jr 3,15)



## RESUMO

A sociedade atual vive num contexto marcado pelo fenômeno denominado globalização em que cresce a necessidade dos cristãos em observarem e discernirem os sinais dos tempos. Em meio a uma cultura que dissolve a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com o próprio Criador pode afetar diretamente na vivência da vocação no qual todos os cristãos são chamados a viverem. Trazendo para o contexto da formação presbiteral, isto se torna mais preocupante uma vez que esses são chamados a conduzirem um povo e serem, por excelência, discípulos de Jesus. Fundamentando-se nisto e desejando refletir sobre esta temática, a presente pesquisa, de cunho teórico-bibliográfico, de caráter histórico e documental na área da Teologia Pastoral, tem — como objetivo — apresentar a importância de o presbítero viver como autêntico discípulo de Jesus em seu itinerário formativo. Para alcançar este objetivo, foi necessário percorrer os objetivos específicos, isto é, caracterizar a identidade do discipulado; compreender o processo formativo do candidato ao presbiterado; e expor a importância da identidade, do discípulo de Jesus, na vida do presbítero e utilizar os recursos bibliográficos a saber: documentos do Magistério da Igreja e teólogos que refletem, também, tal temática.

**Palavras-chave:** Discipulado. Formação Presbiteral. Formação Integral.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CDC – Código de Direito Canônico  
CIC – Catecismo da Igreja Católica  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
CV -*Christus Vivit*  
DAp – Documento de Aparecida  
DCE – *Deus Caritas est*  
De Trin – *De Trinitate*  
DMVP – Diretório para o Ministério e Vida dos presbíteros  
Doc. 100 – Comunidade de comunidades - uma nova paróquia  
Doc. 102 – Diretrizes da ação evangelizadora na Igreja do Brasil  
Doc. 110 – Diretrizes para a formação dos presbíteros do Brasil  
EE – *Ecclesia de Eucharistia*  
EG – *Evangelii Gaudium*  
GE – *Gaudete et Exsultate*  
GS – *Gaudium et Spes*  
LG – *Lumen Gentium*  
MC – *Marialis Cultus*  
MM – *Misericordia et Misera*  
NMI – *Novo Millennio Ineunte*  
OT – *Optatam Totius*  
PC – *Patris Corde*  
PDV – *Pastores Dabo Vobis*  
PO – *Presbyterorum Ordinis*  
POM -Pontifícias Obras Missionárias  
PR – Pontifical Romano  
Puebla – Documento de Puebla  
RFIS – *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*  
RM – *Redemptoris Mater*  
RMi – *Redemptoris Missio*  
SC – *Sacrosanctum Concilium*  
SCa – *Sacramentum Caritatis*  
VD – *Verbum Domini*



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1 A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DO DISCIPULADO</b> .....	21
1.1 FUNDAMENTOS BÍBLICO-HISTÓRICOS DA VOCAÇÃO DISCIPULAR .....	21
<b>1.1.1 Discipulado no Antigo Testamento</b> .....	21
<b>1.1.2 Discipulado no Novo Testamento</b> .....	23
1.1.2.1 Semelhanças entre Jesus e os mestres do seu tempo .....	24
1.1.2.2 Diferenças entre Jesus e os mestres do seu tempo.....	25
1.1.2.3 Universalidade da vocação discipular .....	27
1.2 FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA VOCAÇÃO DISCIPULAR .....	29
<b>1.2.1 Enviados ao anúncio e ao testemunho do Reino</b> .....	29
<b>1.2.2 A missão do batizado</b> .....	30
1.3 FUNDAMENTOS ECLESIAIS E PASTORAIS DA VOCAÇÃO DISCIPULAR .....	31
<b>1.3.1 Encontro com Deus Trindade</b> .....	32
<b>1.3.2 Lugares de encontro com Jesus</b> .....	34
<b>1.3.3 Modelos de discipulado</b> .....	36
1.3.3.1 Maria .....	37
1.3.3.2 Apóstolos e Santos .....	38
<b>1.3.4 Processo de formação dos discípulos</b> .....	39
<b>2 O PROCESSO DE DISCERNIMENTO VOCACIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES</b> .....	43
2.1 OLHAR A REALIDADE .....	43
2.2 PERCORRER O CAMINHO.....	45
2.3 PROTAGONISTAS DO CAMINHO .....	47
<b>2.3.1 Espírito Santo</b> .....	47
<b>2.3.2 Formadores</b> .....	49
<b>2.3.3 Formando</b> .....	51
2.4 AS DIMENSÕES DA FORMAÇÃO.....	53
<b>2.4.1 Dimensão humano-afetiva</b> .....	53
<b>2.4.2 Dimensão comunitária</b> .....	55
<b>2.4.3 Dimensão espiritual</b> .....	57
<b>2.4.4 Dimensão pastoral-missionária</b> .....	59
<b>2.4.5 Dimensão intelectual</b> .....	61
2.5 CASA DE FORMAÇÃO: CASA DO DISCIPULADO E DA CONFIGURAÇÃO .....	62
<b>3 PRESbíTERO: CHAMADO A SER DISCIPULO HOJE</b> .....	65
3.1 CONTINUAR O CAMINHO: FORMAÇÃO PERMANENTE .....	65

3.2 UM SER DE COMUNHÃO NO MODELO DA TRINDADE .....	68
3.3 ESPIRITUALIDADE PRESBITERAL .....	72
<b>3.3.1 Homem da oração .....</b>	<b>74</b>
<b>3.3.2 Homem da Palavra.....</b>	<b>76</b>
<b>3.3.3 Homem da Eucaristia .....</b>	<b>79</b>
<b>3.3.4 Homem da caridade .....</b>	<b>81</b>
3.4 PRESBÍTERO: DISCÍPULO-MISSIONÁRIO-PASTOR.....	83
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>



## INTRODUÇÃO

Em época marcada pelo fenômeno da globalização cresce a necessidade de todo cristão observar e discernir os sinais dos tempos. O mundo atual está vivendo um período de constantes transformações. Há um aceleração visível na sociedade em todas as suas estruturas que está influenciando muito na vida da Igreja.

Partindo do pressuposto de que toda vocação brota do encontro pessoal com a pessoa de Jesus e que todo chamado exige uma resposta sincera e uma mudança de mentalidade, aumenta a preocupação — no meio eclesial, sobretudo na etapa de formação — de como viver o discipulado em meio ao hodierno.

O candidato que passa pelo processo formativo para o presbiterado não é alguém fora da realidade humana, mas, como todos, vive no mundo secular. Com o avanço da globalização o mundo contemporâneo ganhou muitas novidades que melhoraram a realidade humana: avanços na medicina, facilidades de comunicação, encontro entre culturas, desenvolvimento tecnológico, autonomia, etc. Entretanto, o mesmo mundo é marcado pelo egoísmo, pelo subjetivismo, pelo individualismo, pela cultura pragmatista, consumista e imediatista. Essa realidade afeta diretamente nas relações humanas onde, muitas vezes, as pessoas tornam-se objetos de consumo, debilitando o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre elas. Percebe-se, então, o quanto a identidade do discípulo de Jesus está fragilizada e, de certa forma, se perdendo.

Posto isso, esta pesquisa — de cunho teórico-bibliográfico — busca apresentar a importância da identidade do discípulo missionário no itinerário formativo do candidato ao presbiterado. No intento de se atingir o objetivo geral acima exposto, que está ligada à área da Teologia Pastoral sobre a formação presbiteral, é indispensável lançar mãos de alguns documentos do Magistério da Igreja, a saber: a nova *Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*, a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, o *Documento de Aparecida*, as *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, bem como alguns escritos de teólogos, por exemplo, Vera Ivanise Bombonato, Gnilka, Schulz, Blanco, Jon Sobrino, Wellistony Viana, Celito Moro, Vitor Galdino Feller, entre outros que tratam sobre o tema proposto.

No primeiro capítulo, busca-se caracterizar a identidade do discípulo de Jesus e seu desenvolvimento no decorrer da história. Para tal proposta ser efetivada, o capítulo se divide assim: num primeiro momento são apresentados os fundamentos bíblico-históricos da vocação

discipular, isto é o que se entende do discipulado no Antigo e no Novo Testamento, as semelhanças e diferenças entre o Mestre Jesus e os mestres do seu tempo, bem como a universalidade da vocação discipular. Num segundo momento são apresentados os fundamentos teológicos da vocação discipular, ou seja, as qualidades (anúncio e testemunho) que todo discípulo deve ter na vivência de sua missão enquanto batizado. E, num terceiro momento, são apresentados os fundamentos eclesiais e pastorais da vocação discipular, ou seja: a importância do encontro com Deus Trindade, os lugares de encontro com Jesus, os modelos de discipulado (Maria, Apóstolos e Santos) e o processo de formação dos discípulos.

Tendo caracterizado a identidade do discipulado, o segundo capítulo procura compreender o processo formativo do candidato ao presbiterado e suas implicações. Num primeiro momento é necessário olhar e apresentar a realidade em que os futuros presbíteros são chamados a viverem sua vocação; num segundo momento é trabalhada a importância de percorrer o caminho, mesmo que a realidade os desafiem; num terceiro momento são apresentados os protagonistas desse caminho, o Espírito Santo (formador por excelência), os formadores e o próprio formando; no quarto momento são apresentadas as dimensões da formação bem como a importância da vivência das mesmas no caminho de configuração à Cristo Bom Pastor; e, no quinto momento, é necessário apresentar a importância da casa de formação na vida do futuro presbítero, esta que é chamada a ser a casa do discipulado e da configuração.

No terceiro capítulo desta pesquisa é exposta a importância do discipulado na vida e na missão do presbítero. Para que este não se perca em meio às tentações da modernidade e viva a sua missão de ser um *Alter Christus*, é necessário que o mesmo continue o seu caminho formativo. Por isso, num primeiro momento desse capítulo, será trabalhada a importância da formação permanente na vida do presbítero; num segundo momento será apresentada a importância do presbítero ser, no mundo atual, um ser de comunhão tendo como modelo a Santíssima Trindade; no terceiro momento serão expostas algumas qualidades da espiritualidade presbiteral, na qual é chamado a ser, por excelência homem da oração, da Palavra, da Eucaristia e da caridade; e, por fim, derradeiro momento é apresentado o presbítero como discípulo-missionário-pastor, esse homem que é chamado a aprender — do Mestre Jesus (discipulado) — a sair de si (missionário) para ir ao encontro e cuidar daqueles que lhe foram confiados (pastor).

Diante do caminho apresentado, a pesquisa mostra-se relevante, visto que os problemas presentes na sociedade atual tendem a fragmentar a concepção integral de ser humano e, por consequência, a vivência da vocação na qual todos são chamados. Por isso é necessário se pensar em um itinerário formativo que leve o presbítero a ser um autêntico discípulo de Jesus e viver a sua missão na realidade em que ele está inserido. Assim, tal pesquisa que ser um meio, um instrumento, para aqueles que desejam conhecer o Senhor e segui-Lo, decididamente, uma vez que só se torna um autêntico discípulo aquele que faz a escolha por Ele.



## 1 A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DO DISCIPULADO

Para versar sobre o tema da presente pesquisa, procurar-se-á, primeiramente, caracterizar a identidade do discípulo de Jesus e seu desenvolvimento no decorrer da história. Partindo da concepção da Antiga Aliança, será trabalhado, de forma sintética, o que se entende por discipulado. Nesse caminho de seguimento, Jesus aparece como Mestre formador, no qual é modelo até hoje para a Igreja.

### 1.1 FUNDAMENTOS BÍBLICO-HISTÓRICOS DA VOCAÇÃO DISCIPULAR

A sociedade atual vive um contexto marcado pelo fenômeno denominado globalização em que cresce a necessidade dos cristãos em observarem e discernirem os sinais dos tempos.<sup>1</sup> Em meio a uma cultura que dissolve a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo — e com o próprio Criador — determina uma grande valorização da subjetividade enfraquecendo os vínculos comunitários.<sup>2</sup>

No contexto eclesial, os desafios não são diferentes. Diante dessa realidade, o cristão é chamado a assumir a sua missão de discípulo onde tem — como um dos fundamentos — a Sagrada Escritura.

#### 1.1.1 Discipulado no Antigo Testamento

O discipulado é uma categoria fundamental na história da salvação. Ele engloba os elementos da resposta do ser humano diante da intervenção de Deus na história de cada pessoa.

Segundo Vera Ivanise Bombonato, Deus chama constantemente e de diversas formas. O primeiro chamado que o Senhor faz às criaturas é o chamado à existência. Nesse caminho, segundo ela, o ser humano é um

---

<sup>1</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. 7. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas: Paulus, 2008. p. 37; DAp. 61.

<sup>2</sup> FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. 5. ed. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013. p. 41; EG 53.

eterno caminhante em direção a si mesmo, ao próximo e ao transcendente.<sup>3</sup>

De acordo com o *Documento de Aparecida*, Deus Pai sai de si para chamar o ser humano a participar de Sua vida e glória. Por meio de Israel, Deus revela seu projeto de vida e, cada vez que necessitou de seu auxílio, o ser humano teve uma autêntica experiência de comunhão com Ele, fazendo-se participante de sua verdade, vida e santidade.<sup>4</sup> A Aliança é, nesse sentido, a chave pela qual o povo autocompreende-se, experimenta e sorve o amor de Deus, tendo como fontes: a *Torá*, a Lei de um povo livre, pedagoga da vivência do amor; os *Profetas*, responsáveis por fazer que o povo não se afaste da Aliança; e os *Sapienciais*, que ensinam como ser fiel à Aliança em todas as situações da vida.<sup>5</sup>

Segundo Maria Clara Luchetti Bingemer, os Profetas são os portavozes de Deus e do povo e,

[...] entenderam sua vocação como um discipulado, no qual eram constante e pacientemente ensinados por Deus. Chamados a escutar sua Palavra e possuídos por seu Espírito, levavam essa Palavra que lhes queimava a boca e as vísceras e a diziam e transmitiam, por sua vez, ao povo para que voltasse para o amor de Deus.<sup>6</sup>

Outrossim, no terceiro canto do Servo, o profeta Isaías apresenta algumas características do discipulado. Para ele, o que representa a identidade, a vocação e a missão do discípulo, a exemplo do Servo, é a escuta amorosa, o deixar-se moldar e ser enviado pela Palavra de Deus.<sup>7</sup> Além disso, o profeta Isaías apresenta o destino do Servo que se dispõe a ser discípulo em todo o seu ser:

---

<sup>3</sup> BOMBONATTO, Vera I. O seguimento de Jesus e a identidade cristã. **Revista Atualidade Teológica**, PUC Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 311-331, maio/ago. 2018. p. 315. Disponível em: <<https://www.maxwell.vra.c.puc-rio.br/34473/34473.PDF>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

<sup>4</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 37; DAp. 129.

<sup>5</sup> BINGEMER, Maria C. Discípulos de Jesus hoje. In: SOTER e Ameríndia (Org.). **Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe**: novos desafios. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 351-368. p. cit. 352, grifo do autor.

<sup>6</sup> BINGEMER, 2006, p. 352.

<sup>7</sup> BÍBLIA de Jerusalém. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2010; Is 50,4-5.

Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros. O Senhor virá em meu socorro, eis por que não me sinto humilhado, eis por que fiz do meu rosto uma pederneira e tenho a certeza de que não ficarei confundido. Perto está aquele que defende a minha causa. Quem ousará mover ação contra mim?<sup>8</sup>

Diante dessa realidade, o discípulo, a exemplo do Servo apresentado em Isaías, enfrentará todos os sofrimentos e os conflitos que aparecerão ao longo do caminho, pois sua confiança se encontra em Deus.

No Antigo Testamento, a imagem do discipulado vem acompanhada de uma dúplice dificuldade, a saber: de um lado, recorda os que seguem os deuses pagãos<sup>9</sup>; e, de outro, de acordo com o pensamento hebraico, a impossibilidade de seguir um Deus transcendente. De modo geral, a expressão *seguir o Senhor*<sup>10</sup> significa inclinação, dependência, aceitação de seus mandamentos e preceitos. Destarte, no desenrolar da história de Israel, essa expressão adquire matizes variadas e torna-se mais concreta quando se trata não como seguimento dos deuses ou de Javé, mas, sim, do enviado de Javé, em quem nasce a relação mestre-discípulo.<sup>11</sup>

### 1.1.2 Discipulado no Novo Testamento

Em Jesus, tem-se a plena realização dos desígnios divinos, preanunciados no Antigo Testamento.<sup>12</sup> Na encarnação do Verbo acontece a personalização do chamado do Pai.<sup>13</sup> Ele revela o Pai e torna-se apelo escatológico propondo a humanidade uma mudança radical de vida.

---

<sup>8</sup> Is 50,6-8.

<sup>9</sup> Quando optavam em seguir um Deus desconhecido, esquecendo-se de seguir o Deus de Israel. (Jz 2,12; Dt 4,3; Jr 11,10).

<sup>10</sup> Dt 1,36; 1Rs 14,8; 1Rs 18,21; 2Rs 23,3; Jr 2,2, grifo nosso.

<sup>11</sup> BLANCO, S. Seguimento. In: RODRÍGUEZ, A. A.; CASAS, J. C. (Orgs.) **Dicionário Teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 1010.

<sup>12</sup> BOMBONATTO, Vera I. **Seguimento de Jesus**: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 37.

<sup>13</sup> BOMBONATTO, 2018, p. 316.

Para Bombonato, cada evangelista, “[...] salienta determinados aspectos não só do seguimento e do discipulado, mas do próprio rosto de Jesus de Nazaré”.<sup>14</sup> Ainda segundo a autora,

Os traços característicos do seguimento encontram-se, particularmente, nas narrativas da vocação dos primeiros discípulos e nos ditos (*logias*) de Jesus a este respeito. As narrativas das vocações são contextualizadas e trazem informações acerca dos nomes e da profissão das pessoas que encontraram Jesus; os ditos (*logias*), em geral, são anônimos e generalizados. A atenção é centrada na pessoa de Jesus e na sua tomada de posição.<sup>15</sup>

Os evangelhos, assim, revelam uma dupla face no agir de Deus, a saber: por um lado, Jesus se insere na cultura de seu tempo no que se refere à relação mestre-discípulo; por outro lado, traz uma novidade. Diante disso, fazendo uma análise paralela, pode-se trazer para a reflexão algumas semelhanças e, de forma mais particular, algumas diferenças entre Jesus e os mestres rabínicos.

#### 1.1.2.1 Semelhanças entre Jesus e os mestres do seu tempo

Há semelhanças entre o Mestre Jesus e os mestres do seu tempo referente à relação mestre-discípulo.

Uma semelhança a ser mencionada é o fato de que Jesus é reconhecido pelos seus contemporâneos como mestre e como responsável de uma escola na qual, inicialmente, possui doze discípulos que convivem com Ele.<sup>16</sup> Outra característica semelhante é que os discípulos seguem o Mestre Jesus em suas peregrinações<sup>17</sup>, desempenham, também, os serviços que — no tempo dos rabinos — eram decisivos para um

---

<sup>14</sup> BOMBONATTO, 2018, p. 316.

<sup>15</sup> BOMBONATTO, 2002, p. 42.

<sup>16</sup> GNILKA, J. **Jesus de Nazaré**: mensagem e história. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 155.

<sup>17</sup> Mc 6,1; Mt 8,23; Lc 22,9.



seguidor tendo em vista sua futura profissão.<sup>18</sup> Por fim, os discípulos recebem as instruções especiais na casa do mestre.<sup>19</sup>

Ainda na esfera das semelhanças, o método de ensino utilizado é o de perguntas dos discípulos e, também, instruções em forma de palestras.<sup>20</sup> A didática utilizada eram as parábolas. Esse meio era muito conhecido na época. Além disso, utiliza metáforas empregadas pelos doutores da Lei; rebate as objeções dos seus opositores citando os trechos do Antigo Testamento. Os lugares onde Jesus desenvolve essas atividades eram a sinagoga e o Templo, onde também os rabinos tinham o costume de instruir o povo.<sup>21</sup> Jesus ultrapassa esses ambientes e ensina seus discípulos em outros lugares.

### 1.1.2.2 Diferenças entre Jesus e os mestres do seu tempo

Em Jesus, a relação mestre-discípulo ganha um novo sentido. O Verbo encarnado, ao iniciar sua vida pública, convida algumas pessoas do meio do seu povo para segui-lo<sup>22</sup> e, gradativamente, estende seu convite a todas as pessoas. Na escola de Jesus, diferentemente do chamado rabínico, não são seus seguidores que escolhem o mestre, mas é o mestre (nesse caso, Jesus) que escolhe seus discípulos.<sup>23</sup>

A relação de Jesus com seus discípulos começa com um chamado. Ele convoca quem Ele quer e no lugar que Ele quer. De acordo com o *Documento de Aparecida*, o encontro com Cristo dá início a um sujeito novo, que é chamado de discípulo.<sup>24</sup> Em tal sentido, o *ser-discípulo* não se inicia por uma opção ética, ou por uma ideia, mas parte do encontro com Jesus.<sup>25</sup> Posteriormente, deve acontecer a resposta a esse chamado,

---

<sup>18</sup> SCHULZ, A. **Discípulos do Senhor**. Trad. Georges Ignacio Maissiat. São Paulo: Paulinas, 1969. p. 25.

<sup>19</sup> Mc 7,17; 9,28-33; 10,10; Mt 17,25.

<sup>20</sup> Mc 12,28-34; 12,32.

<sup>21</sup> SCHULZ, 1969, p. 26-27.

<sup>22</sup> Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11.

<sup>23</sup> BINGEMER, 2006, p. 360.

<sup>24</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 114; DAp. 243.

<sup>25</sup> BENTO XVI. **Carta Encíclica *Deus Caritas est***. Vaticano: 2005. Não paginado; DCE 1, grifo nosso. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html)>. Acesso em: 13 jan. 2021.

que, geralmente, é imediata, competindo — ao novo discípulo — desinstalar-se e deixar tudo para seguir o Mestre.<sup>26</sup>

Diferentemente dos outros mestres do seu tempo, Jesus chama os discípulos para que fiquem com Ele. Trata-se, nesse sentido, segundo Cláudio Hummes, de “[...] uma comunhão total que carrega em si a força e o conteúdo de uma confissão de fé e de vida em Jesus como Messias”.<sup>27</sup> Vale ressaltar que a resposta ao seu chamado não corresponde a um saber intelectual. Ao invés disso, ela

[...] se dá em um itinerário de fé que parte do chamado e do encontro com Jesus, passa pela conversão, segue em fidelidade até a cruz e dá testemunho da Ressurreição, a ponto de dispor-se a dar a vida por outros. Seguimento e testemunho, até o cume do martírio, são, portanto, duas dimensões fundamentais do discipulado. Implica dar a vida, dando a vida.<sup>28</sup>

Assim sendo, o objetivo do seguidor de Jesus não é tornar-se um assíduo intérprete e especialista da Lei, mas, antes disso, é convidado a deixar-se formar pelo Mestre, seguindo-o de perto, participando de sua intimidade.<sup>29</sup> Para tal, é necessário responder livremente o que Jesus diz ao convidar os seus: *Segue-me!* Nos evangelhos, o verbo *seguir* exprime sempre a vinculação à pessoa de Jesus Cristo.<sup>30</sup>

Nesse caminho de seguimento, uma pergunta deve estar sempre no coração dos discípulos: “*E vós, [...] quem dizeis que eu sou?*”<sup>31</sup> A resposta de tal questionamento só será efetiva se, de fato, seguir os passos de Jesus. Assim, o seguimento torna-se condição indispensável para conhecer Jesus.

Quem quer conhecer Cristo e não só ter notícia sobre Ele, que o siga. [...] Quem quiser conhecer o

<sup>26</sup> BINGEMER, 2006, p. 362.

<sup>27</sup> HUMMES, Cláudio. **Ser discípulos de Cristo**: retiro espiritual do Papa e da Cúria Romana. São Paulo: Paulus, 2002. p. 15.

<sup>28</sup> BINGEMER, 2006, p. 362.

<sup>29</sup> SCHULZ, 1969, p. 23-29.

<sup>30</sup> FEUILLET, André. Discípulo. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Trad. Simão Voigt. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 247-249. p. cit. 248, grifo do autor.

<sup>31</sup> Mc 8,30, grifo nosso.

mistério cristão de Deus, que esteja disposto a se pôr diante de Deus, a viver e agir como Jesus. [...] Quem quiser saber da ação renovadora e vivificadora do Espírito que se ponha como Jesus, no meio dos pequenos e pobres, lá onde surge a esperança quando só deveria reinar o desespero, lá onde surge a criatividade, a solidariedade, a fortaleza, a fé e, também, o perdão, onde deveria reinar só a resignação, o egoísmo, a decadência, a incredulidade e a revindita.<sup>32</sup>

Diante dessa perspectiva, o seguimento torna-se lugar privilegiado da prática da fé e espaço onde é possível captar a própria filiação divina. Segundo Bombonato, a partir do seguimento o discípulo crescerá na convicção da proximidade do Reino de Deus, terá consciência da importância do amor absoluto ao próximo e da defesa dos direitos dos marginalizados.<sup>33</sup> Assim, à medida que o processo de seguimento se concretiza, o seguidor poderá dar razões à sua esperança.

Em suma, a única forma para responder à pergunta de Jesus, isto é, o *quem eu sou* está no seguimento de sua pessoa, esforçando-se para identificar-se com suas preocupações com o intuito de plasmar e difundir seu Reino.

### 1.1.2.3 Universalidade da vocação discipular

Ao tratar dos destinatários, o chamado feito por Jesus evolui de forma progressiva passando por três momentos que, segundo Bombonato, podem ser chamados de processo de universalização do seguimento.<sup>34</sup>

Após seu batismo no Jordão, Jesus dirige o convite a algumas pessoas que vivem em diferentes realidades e exercem variadas funções. Trazendo como exemplos podem ser mencionados: o chamado feito a Simão Pedro e André, seu irmão que eram pescadores de Betsaida<sup>35</sup>; em

---

<sup>32</sup> SOBRINO, Jon. Seguimento de Jesus. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. (Orgs.). **Dicionário de Conceitos Fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999. p. 771-775. p. cit. 774.

<sup>33</sup> BOMBONATTO, 2002, p. 288.

<sup>34</sup> BOMBONATTO, 2018, p. 320.

<sup>35</sup> Jo 1,44.

Cafarnaum Jesus chama Mateus — que era cobrador de impostos;<sup>36</sup> nos sinóticos, são referidos, também, o convite de Jesus dirigido a Doze homens para estarem em comunhão íntima com Ele. O número Doze manifesta a indissolúvel conexão entre Jesus e o povo formado pelas Doze tribos de Israel.<sup>37</sup>

Além dos Doze, a tradição evangélica mostra diferentes tipos de seguidores de Jesus, a saber: pessoas que, em certos momentos, sem mudar de vida, seguem fisicamente Jesus; pessoas que, ao receberem o chamado de Jesus acompanham permanentemente apropriando-se de seu estilo de vida; e, pessoas que, somente em sentido figurado podem ser chamadas de seguidoras.<sup>38</sup>

Jesus ao abraçar a sua missão torna-se missionário itinerante e, em seu caminhar em meio ao povo, percebe não só a presença de um pequeno grupo, mas de muitos que o acompanhavam.<sup>39</sup> Diante dessa realidade, Jesus estende o seu chamado às multidões. Nas palavras do evangelista Marcos fica claro essa cena: “*Chamando a multidão, juntamente com os discípulos, disse-lhes: ‘Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me’*”.<sup>40</sup> Nesse versículo bíblico apresenta-se o segundo momento do processo de universalização do discipulado.

Num terceiro momento, Jesus dirige o seu convite a todos e, assim, universaliza o seu chamado. Ninguém é excluído da possibilidade do seguimento de Jesus. Ele chamou os pobres e pecadores<sup>41</sup>; os jovens<sup>42</sup>, doentes e endemoninhados<sup>43</sup> e, também as mulheres.<sup>44</sup>

No processo de universalização do chamado de Jesus há um crescimento que dá início com os doze e chega a todas as pessoas. Nesse processo de seguimento, a resposta deve ser dada de forma pessoal e livre. Esse chamado continua sendo realizado até hoje e é apresentado ao longo desta pesquisa.

<sup>36</sup> Mt 9,9.

<sup>37</sup> SCHULZ, 1969, p. 41-44.

<sup>38</sup> BLANCO, 1997, p. 1011.

<sup>39</sup> BOMBONATTO, 2018, p. 320.

<sup>40</sup> Mc 8,34, grifo nosso.

<sup>41</sup> Mt 4,18-22.

<sup>42</sup> Mc 10,20.

<sup>43</sup> Mt 8,16; Mc 5,2-20.

<sup>44</sup> Mt 9,20; Lc 7,36-50; Lc 15,1-31; Jo 8,1-11.

## 1.2 FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA VOCAÇÃO DISCIPULAR

Fundamentando biblicamente o conceito de discipulado, Jesus é apresentado como personalização do chamado do Pai. Em seu peregrinar missionário torna-se Verbo Revelador e convida para o seu seguimento discipulos que aceitam o seu estilo de vida. Jesus, diferentemente dos mestres rabino, é Ele quem convida para segui-lo e estar com Ele.

Dando continuidade na reflexão sobre a concepção histórica do discipulado, será apresentado, agora, os fundamentos teológicos da vocação discipular.

### 1.2.1 Enviados ao anúncio e ao testemunho do Reino

Segundo Bingemer, Jesus, sendo “[...] Filho de Deus, vive do amor que lhe transmite o Pai, o qual lhe comunica tudo aquilo que é”.<sup>45</sup> Diante disto, aos que se fazem seus discípulos ensinará tudo o que escutou do Pai, com a finalidade de que sejam — no mundo — seu rosto, sua boca e seu corpo dado em oblação a serviço de todos.

Os que respondem ao chamado realizado por Cristo não devem viver uma vida de tranquilidades, privilégios, estática. Destarte, são chamados a seguir os seus passos e, assim, assumir a vocação de anunciar e testemunhar o Reino.

A centralidade da mensagem de Jesus está no Reino de Deus: “*Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho*”.<sup>46</sup> Esse versículo bíblico resume toda a sua missão. Ele não veio em seu próprio nome, mas para anunciar a mensagem do Pai que quer atrair todos para si.<sup>47</sup> Nesse sentido, Jesus não é apenas um mensageiro do Reino de Deus, Ele é a própria salvação. Assim sendo, não se pode separar o Reino de Deus da pessoa de Jesus Cristo haja vista que, Ele é o único mediador entre Deus e os Homens.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> BINGEMER, 2006, p. 354.

<sup>46</sup> Mc 1,15, grifo nosso.

<sup>47</sup> PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS. **A missionariedade**: alguns de seus fundamentos. (Cord. Maurício da Silva Jardim). São Paulo: Loyola; Brasília: Pontifícias Obras Missionárias, 2009. p. 24.

<sup>48</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Redemptoris Missio***. Roma: 1990. Não paginado; RMi 5. Disponível em: < [http://www.vatican.va/coment/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](http://www.vatican.va/coment/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)>. Acesso em 10 mar. 2021.

Diante do anúncio do Reino, a pessoa de Jesus e com sua missão, convida o seguidor a uma decisão pessoal de acolhida e conversão. Como todo discípulo é chamado a responder a pergunta *quem sou eu*, e a resposta é dada no peregrinar do seguimento da pessoa de Jesus, compartilhando de sua vida, o seguidor precisa acolher e semear a Palavra de Deus.<sup>49</sup>

Nessa perspectiva, todo discípulo, a exemplo do próprio Cristo, tem a missão de ser propagador do Reino de Deus. Anunciar pela pregação e testemunho, em todas as culturas e nações, no coração de cada ser humano, o amor que Deus tem para com todos, a fim de que se convertam e se tornem, também, discípulos e missionários. Esta é a missão de todo batizado.

### 1.2.2 A missão do batizado

Ao chamar a pessoa para o seu seguimento, Jesus quer estabelecer um relacionamento com ela. Com a resposta positiva ao chamado de Deus a dinâmica do amor se põe em marcha.

Diante da dinâmica do amor, o cristão é chamado a responder com a vida. Assim, a participação do Homem na vida divina é um dom gratuito do Senhor, que exige, segundo Bingemer, “[...] uma fé profunda e uma disponibilidade a um novo nascimento por meio do batismo”.<sup>50</sup>

O batismo torna o ser humano discípulo de Cristo no qual é submerso na morte de Jesus, para, então, ressurgir para uma vida nova.<sup>51</sup> Assim, a vivência do batismo será, para o discípulo, um exercício de conversão e aprendizagem vital do amor em Cristo. Ao ser batizada a pessoa não está mais só, mas é incorporada a uma nova família recebendo dons e carismas que devem ser postos a serviço da comunidade.<sup>52</sup>

Todo batizado tem a identidade marcada pela dinâmica pascal. De acordo com Bingemer,

Significa morte ao *velho ser humano* e a tudo que constitui o reino das trevas. Tal morte e ruptura radical implicam um estar disposto, com Jesus, a dar a sua vida até sofrer e morrer pelo povo. Aqui

---

<sup>49</sup> Mt 13,4-23, grifo nosso.

<sup>50</sup> BINGEMER, 2006, p. 362.

<sup>51</sup> CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 351; CIC 1265.

<sup>52</sup> CATECISMO..., 2000. p. 352; CIC 1267.

está o sentido último da existência de todo cristão.<sup>53</sup>

Essa conversão, segundo a *Carta aos Romanos*, dá-se por uma identificação com Jesus — “[...] por uma morte semelhante à sua [...] a fim de que, por uma ressurreição também semelhante à sua, possamos não mais servir ao pecado, mas viver para Deus”.<sup>54</sup> Viver para Deus, aqui, significa configurar-se com a pessoa de Jesus, isto é, não existir mais para si, mas para Deus e para os outros.<sup>55</sup>

É importante ressaltar que, no processo amoroso de seguimento de Jesus, cada discípulo tem uma identidade própria, de acordo com os diferentes modos de viver o seu batismo, seja em determinado tempo de sua vida; seja em determinada vocação; ou nas diversas formas de organização da comunidade eclesial, ou no exercício de uma atividade ou profissão concreta.<sup>56</sup>

Em cada etapa, estado de vida ou ofício, todo discípulo deve ter a consciência de que não pode gerar frutos por si só. É necessário permanecer Naquele que o sustenta com a seiva do Seu amor.<sup>57</sup> Eis o segredo da santidade ao qual todo discípulo é chamado. A vivência da santidade consiste em permanecer em Jesus da mesma forma que Ele permanece no Pai.<sup>58</sup>

Parafraseando o Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, todos os cristãos são chamados a ser santos e, para isso, é necessário deixar “[...] que a graça do teu batismo frutifique em um caminho de santidade”.<sup>59</sup> A santidade consiste, assim, viver no cotidiano da existência, o amor, oferecendo o próprio testemunho.<sup>60</sup>

### 1.3 FUNDAMENTOS ECLESIAIS E PASTORAIS DA VOCAÇÃO DISCIPULAR

A resposta ao chamado realizado por Jesus, como visto até aqui, coloca a pessoa na escola do Mestre. Uma das preocupações de Jesus foi

---

<sup>53</sup> BINGEMER, 2006, p. 363, grifo do autor.

<sup>54</sup> Rm 6,5-11.

<sup>55</sup> 2Cor 5,15.

<sup>56</sup> BINGEMER, 2006, p. 364.

<sup>57</sup> Jo 15,5.

<sup>58</sup> Jo 14,10-11.

<sup>59</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulus, 2018. p. 13; GE 15.

<sup>60</sup> FRANCISCO, 2018, p. 13; GE 14.

a adequada formação de seus discípulos. Diante disso, no decorrer da história da salvação, esse anseio é levado adiante por meio de Sua Igreja que, movida pela ação do Espírito Santo, continua chamando e formando novos discípulos.

### 1.3.1 Encontro com Deus Trindade

No desenrolar da história da salvação, movida pela ação do Deus Trindade, a responsabilidade de formar e enviar os discípulos passou a ser da Igreja. Essa missão dá continuidade ao mandato do próprio Cristo quando enviou, em missão, os Seus para pregarem o evangelho a todos os povos e nações e a toda criatura.<sup>61</sup>

Antes de qualquer envio, todo discípulo deve encontrar-se e estabelecer uma relação de proximidade com o Mestre. De acordo com o *Documento de Aparecida* “[...] uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor”.<sup>62</sup> É através dessa experiência com a Trindade que a pessoa pode superar o egoísmo para, assim, encontrar-se de forma plena no serviço ao outro.

Em tal caminho de encontro com Deus Uno e Trino, é Deus Pai quem atrai a pessoa por meio da entrega de Seu Filho<sup>63</sup>, dom de amor com o qual “[...] saiu ao encontro de seus filhos, para que, renovados pela força do Espírito, possamos chama-Lo de Pai”.<sup>64</sup> A *Carta aos Gálatas* reforça ainda que,

Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu próprio Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da lei, para nos libertar do domínio da lei e fazer com que recebêssemos a condição de filhos adotivos de Deus. E porque já somos filhos, Deus enviou o Espírito de Seu Filho

---

<sup>61</sup> RETAMALES, Santiago S. **Os discípulos de Jesus**: relatos e imagens de vocação e missão na bíblia. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2007. p. 129.

<sup>62</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 113; DAp. 240.

<sup>63</sup> Jo 6,44.

<sup>64</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 113; DAp. 241.



aos nossos corações, e o Espírito clama: *Abbá!* Pai.<sup>65</sup>

Trata-se aqui, de uma nova criação na qual o amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo renova a vida do ser humano.

Na história do amor trinitário Jesus é dado à humanidade como Caminho, Verdade e Vida.<sup>66</sup> É no encontro com o Deus encarnado que se pode ouvir, ver, contemplar e tocar com as mãos a Palavra da vida. O ser humano experimenta que,

[...] o próprio Deus vai atrás da ovelha perdida, a humanidade doente e extraviada. Quando em suas parábolas Jesus fala do pastor que vai atrás da ovelha desgarrada, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro de seu filho pródigo e o abraça, não se trata só de meras palavras, mas da explicação de seu próprio ser e agir.<sup>67</sup>

Diante dessa realidade, quem deseja responder ao chamado de Jesus é chamado a aplicar em sua vida o mesmo jeito de ser e de agir do Senhor.

A partir da configuração na pessoa de Jesus, os discípulos tornam-se capazes para anunciar a Boa Notícia da assunção, da recapitulação e da reintegração da humanidade e do projeto de Deus.<sup>68</sup> Nesse caminho missionário da Igreja, o Espírito Santo é, segundo a Carta Encíclica *Deus Caritas est*,

[...] força que transforma o coração da comunidade eclesial, para ser, no mundo, testemunha do amor do Pai, que quer fazer da humanidade uma única família, em seu Filho. Toda a atividade da Igreja é manifestação dum amor que procura o bem integral do Homem: procura a sua evangelização por meio da Palavra e dos sacramentos, [...] é amor o serviço

---

<sup>65</sup> Gl 4,4-5.

<sup>66</sup> Jo 14,6.

<sup>67</sup> BENTO XVI, 2005, não paginado; DCE 12.

<sup>68</sup> SUES, Paulo. **Introdução à teologia da missão**: convocar e enviar: servos e testemunhas do reino. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 66.

que a Igreja exerce para acorrer constantemente aos sofrimentos e às necessidades.<sup>69</sup>

Assim como Cristo recebeu o Espírito do Pai, a comunidade recebe de Jesus o mesmo Espírito como unção, dom e força para a vida e a missão. É movido pelo Espírito Santo que todo discípulo conseguirá viver de forma efetiva seu batismo.<sup>70</sup>

Diante de tal perspectiva, o amor ao próximo passa pela experiência que o ser humano tem ao encontrar-se com o amor trinitário. A partir desse encontro com a Trindade Santa é que o discípulo é enviado a fim de dar continuidade, através da ação do Espírito Santo, na missão do Filho confiada pelo Pai.

### 1.3.2 Lugares de encontro com Jesus

De acordo com o *Documento de Puebla*, Jesus continua vivendo no meio de sua Igreja, de modo especial “[...] na Sagrada Escritura e na proclamação de sua palavra.” Também se encontra “[...] no meio dos que se reúnem em seu nome e na pessoa dos pastores que envia; e quis identificar-se [...] com os mais fracos e os mais pobres”.<sup>71</sup> Assim, o encontro com Cristo, de acordo com o *Documento de Aparecida*, se dá “[...] graças à ação invisível do Espírito Santo”.<sup>72</sup>

Jesus pode ser encontrado na Sagrada Escritura, na qual, juntamente com a Tradição, é “[...] fonte de vida para a Igreja e alma de sua ação evangelizadora”.<sup>73</sup> Por meio da Palavra de Deus, o ser humano estabelece um encontro profundo com a sua pessoa levando-o a uma comunhão de vida com o Senhor.<sup>74</sup>

---

<sup>69</sup> BENTO XVI, 2005, não paginado; DCE 19.

<sup>70</sup> DOS SANTOS, Leandro. **O encontro com Jesus Cristo**: exigência para o discipulado. 92 p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 41.

<sup>71</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1979, Puebla. **Conclusões da Conferência de Puebla**: evangelização no presente e no futuro da América Latina. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 128; Puebla 196.

<sup>72</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 115; DAp. 246.

<sup>73</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 115; DAp. 247.

<sup>74</sup> DOS SANTOS, 2014, p. 50.

O ser humano estabelece um encontro profundo com a pessoa de Deus e em comunhão com o próprio Deus.<sup>75</sup> Nesse sentido, desconhecer a Sagrada Escritura é desconhecer o próprio Jesus, o Verbo encarnado. É necessário para aqueles que se dispõem a seguir Jesus, fundamentar o compromisso de sua missão e toda a sua vida na rocha da Palavra de Deus.<sup>76</sup> É este fundamento que permitirá ao discípulo gerar bons frutos.

Outro lugar de encontro com o Senhor é a Sagrada Liturgia.<sup>77</sup> Através da Liturgia, os discípulos — ao vivê-la, celebrando o mistério pascal — podem adentrar mais nos mistérios do Reino e expressar, sacramentalmente, sua vocação de discípulos.<sup>78</sup> A eucaristia é, segundo o *Documento de Aparecida* “[...] o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo”<sup>79</sup>, no qual o próprio Jesus atrai para si e faz com que o seu seguidor entre no dinamismo da relação com Deus e com os irmãos.

Através do sacramento da reconciliação, o pecador experimenta o encontro com Jesus de modo singular, cura as feridas e devolve a alegria e o entusiasmo de anunciá-lo.<sup>80</sup> Segundo a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, aqueles que se aproximarem deste sacramento obtêm o perdão da ofensa que lhe fizeram reconciliando-se, assim, com a Igreja que feriram pelo pecado, a qual procura levá-los à conversão.<sup>81</sup> Nas palavras do Papa Francisco, em sua Carta Apostólica *Misericordia et*

---

<sup>75</sup> DOS SANTOS, 2014, p. 50.

<sup>76</sup> BENTO XVI. **Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe**. Aparecida, 13 maio 2007. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html)>. Acesso em 05 maio 2021.

<sup>77</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2007. p. 33-86. p. cit. 37; SC 7.

<sup>78</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 117; DAp. 250.

<sup>79</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 117; DAp. 251.

<sup>80</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 118-119; DAp. 254.

<sup>81</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2007. p. 101-197. p. cit. 116; LG 11.

*Misera*, no sacramento da reconciliação “[...] sentimos o abraço do Pai, que vem ao nosso encontro para restituir a graça de voltarmos a ser seus filhos”.<sup>82</sup>

Segundo o *Documento de Aparecida*, Jesus se faz presente em meio a uma comunidade viva na fé e no amor fraterno, bem como naqueles que “[...] dão testemunho de luta pela justiça, pela paz e pelo bem comum”<sup>83</sup> e, de modo especial nos pobres, aflitos e enfermos<sup>84</sup> onde dão testemunho de fé, paciência em sua luta para ter dignidade e sobreviver um mundo marcado pela exclusão.

De acordo com a Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* “[...] há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles”.<sup>85</sup> Ao optar pelos marginalizados desse mundo, testemunha-se o estilo do amor de Deus uma vez que, se “[...] verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-lo sobretudo no rosto daqueles com quem Ele mesmo se quis identificar”.<sup>86</sup>

Como exposto nas premissas acima citadas, o futuro discípulo pode encontrar-se com Jesus de diversas formas.<sup>87</sup> A condição do discípulo brota de Jesus Cristo como de sua fonte, pela fé e pelo batismo, e cresce na Igreja, comunidade onde todos os seus membros adquirem dignidade e participam de diversos ministérios e carismas. O discípulo não é alguém desvinculado da realidade; e, no cumprimento de sua vocação batismal, deve levar em consideração os desafios da atualidade que implicam, fortemente, na realidade eclesial.

### 1.3.3 Modelos de discipulado

Durante toda a história da salvação, apresentaram-se vários modelos de discipulado que inspiram o cristão a viver sua vocação discipular. Homens e mulheres de fé que souberam aprender do Cristo as

---

<sup>82</sup> FRANCISCO. *Carta Apostólica Misericordia et Misera*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 17; MM 8.

<sup>83</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 119; DAp. 256.

<sup>84</sup> Mt 25,37-40.

<sup>85</sup> JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. Vaticano: 2001. Não paginado; NMI 49. Disponível em: < [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20010106\\_novo-millennio-ineunte.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html)>. Acesso em: 04 maio 2021.

<sup>86</sup> JOÃO PAULO II, 2001, não paginado; NMI 49.

<sup>87</sup> BINGEMER, 2006, p. 360.

condições necessárias de serem a diferença diante da realidade em que viviam. Para melhor reflexão, serão expostos, sinteticamente, a figura de Maria, Pedro, Paulo e José.

### 1.3.3.1 Maria

Dentre os vários modelos de discipulado que apareceram ao longo da história, Maria, sem dúvidas, merece especial destaque, uma vez que

A máxima realização da existência cristã como viver trinitário de *filhos no Filho* nos é dada na Virgem Maria que, através de sua fé (cf. Lc 1,45) e obediência à vontade de Deus (cf. Lc 1,38), assim como por sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (cf. Lc 2,19.51), é a discípula mais perfeita do Senhor.<sup>88</sup>

Em todo seu peregrinar, Maria viveu como mãe de Cristo e depois dos discípulos, sem estar livre da incompreensão e da busca constante do projeto do Pai. Nesse sentido, a Virgem de Nazaré teve uma missão única na história da salvação: conceber, educar e acompanhar seu Filho até seu sacrifício de Cruz. Sua coragem, humildade e confiança, são suas principais características no exercício de seu discipulado.<sup>89</sup>

Paulo VI, em sua Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, sublinha que Maria sempre foi proposta pela Igreja para imitação dos fiéis, não pelo seu modo de viver ou por causa do ambiente sociocultural de sua época. O que leva Maria a ser proposta de imitação é que, em sua existência, ela optou total e responsavelmente pela vontade de Deus; também, porque soube acolher a sua palavra e pôs em prática tendo toda sua ação animada pela caridade e pelo espírito serviçal.<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 123-124; DAp. 266, grifo do autor.

<sup>89</sup> DA SILVA, José V. F. **Discipulado de Jesus**: compromisso de todos. Abordagem sobre alguns meios para a espiritualidade do seguimento. 78 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 57.

<sup>90</sup> PAULO VI. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus***. Roma: 1974. Não paginado; MC 35. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19740202\\_marialis-cultus.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html)>. Acesso em: 08 mar. 2021.

Além disso, de acordo com São João Paulo II em sua Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, a Igreja caminha no tempo em busca do encontro com o Senhor que vem. E, neste caminhar, Maria surge como modelo, uma vez que ela, avançou na peregrinação da fé, mantendo-se fiel e unida ao seu Filho junto à Cruz.<sup>91</sup>

Perseverando junto aos Apóstolos à espera do Espírito Santo em Pentecostes, Maria coopera com o nascimento da Igreja missionária. Como mãe, fortalece os vínculos fraternos, estimula a reconciliação e o perdão e ajuda os discípulos a experimentarem como pertencentes à família de Deus. Assim sendo, segundo o *Documento de Puebla*, como na família humana, a Igreja-família é gerada ao redor de uma mãe que confere alma e ternura ao convívio familiar.<sup>92</sup>

Por fim, parafraseando Bento XVI em seu discurso no final do santo Rosário em Aparecida, Maria é — para os crentes — escola de fé e seu destino é conduzir a humanidade fortalecendo, no caminho que conduz ao encontro com Deus, o Criador que fez o Céu e a Terra.<sup>93</sup>

### 1.3.3.2 Apóstolos e Santos

Além de Maria, modelo exemplar de discipulado, outros modelos surgiram ao longo da história da salvação, dentre os quais merecem destaque os Apóstolos Pedro e Paulo, bem como, José.

Segundo o *Documento de Aparecida*, também “[...] os apóstolos e os santos marcaram a espiritualidade e o estilo de vida em nossas Igrejas”.<sup>94</sup> Assim, suas vidas se tornaram lugares privilegiados do encontro com Jesus. O mesmo documento apresenta alguns exemplos que serão citados brevemente.

---

<sup>91</sup> JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Mater*. Roma: 1987. Não paginado; RM 2. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031987\\_redemptoris-mater.html#\\_ftn4](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html#_ftn4). Acesso em 04 maio 2021.

<sup>92</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 2009, p. 152; Puebla 295.

<sup>93</sup> BENTO XVI. **Oração do Santo Rosário e encontro com os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, os seminaristas e os diáconos**. Aparecida, 12 maio 2007. Não paginado. Disponível em: < [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070512\\_rosario-brazil.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070512_rosario-brazil.html) >. Acesso em 08 mar. 2021.

<sup>94</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 127; DAp. 273.

Entre os diversos modelos de discipulado, Pedro, a quem Jesus confiou a missão de confirmar a vivência da fé de seus irmãos, merece um destaque especial.<sup>95</sup> Esse apóstolo ajuda a estreitar o vínculo de comunhão com o Sumo Pontífice, seu sucessor, e a buscar em Jesus as palavras de vida eterna. Paulo, de igual modo, é outro apóstolo inspirador no seguimento de Jesus. Como evangelizador incansável, indicou o caminho missionário e a vontade de se aproximar de cada realidade pregando a Boa Nova de Jesus. Já o discípulo amado revela a força transformadora do mandamento novo e os frutos da permanência no amor que vem de Cristo.<sup>96</sup>

Além desses apóstolos supracitados, José, esposo da Virgem Maria, surge como modelo de discipulado por sua justiça, fidelidade e generosidade, buscando viver o mistério de Jesus<sup>97</sup>, colocando-se, assim, inteiramente a serviço do plano salvífico de seu Filho adotivo.<sup>98</sup> Merece destaque, também, o testemunho fiel de tantos homens e mulheres que colaboraram na difusão do Evangelho, no qual chegaram a derramar o seu sangue por amor a Jesus.<sup>99</sup> Com a paixão por Jesus, foram membros ativos e missionários em sua comunidade eclesial.<sup>100</sup>

Por fim, hoje, a vida, as palavras e os gestos de Cristo continuam exercendo um fascínio no coração do ser humano. Todo batizado é chamado para a vivência testemunhal de sua fé e pode, também, ser modelo de discipulado na vida de muitas pessoas.

### 1.3.4 Processo de formação dos discípulos

Chamado a dar sentido à sua vocação, todo batizado é convidado a estar aberto ao processo formativo. O itinerário da formação, segundo o *Documento de Aparecida*, lança raízes “[...] na dinâmica da pessoa e no

---

<sup>95</sup> Lc 22, 31-32.

<sup>96</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 127; DAp. 273.

<sup>97</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 127; DAp. 274.

<sup>98</sup> FRANCISCO. *Carta Apostólica Patris Corde*. Brasília: CNBB, 2020. p. 9; PC 1.

<sup>99</sup> Merecem destaque os inúmeros mártires que ao longo da história deram a vida por Jesus. São inspirações para todos aqueles que desejam seguir os passos de Jesus.

<sup>100</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 127; DAp. 275.

convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e estes o seguem porque conhecem a voz”.<sup>101</sup> Nessa perspectiva, a formação é um processo de educação permanente tendo como finalidade a configuração com a pessoa de Jesus.<sup>102</sup> Diante disso, o mesmo documento apresenta alguns aspectos importantes para compreender o processo de formativo do discípulo de Jesus.

O ponto de partida para o discipulado é *o encontro com a pessoa de Jesus*.<sup>103</sup> Ou seja, é necessário descobrir o sentido mais profundo da busca, bem como propiciar o encontro com Cristo que dá origem à iniciação cristã. Esse encontro deve ser renovado pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do *querigma* e pela ação missionária da comunidade.<sup>104</sup>

O segundo aspecto a ser citado é *a conversão*. Este é a resposta inicial de quem escutou o Mestre e creu Nele pela ação do Espírito Santo decidindo ser seu amigo indo após Ele, mudando sua forma de pensar e viver, aceitando a cruz de Cristo e suas implicações.<sup>105</sup>

No amadurecimento constante no conhecimento, amor e seguimento de Jesus, aprofunda-se no mistério da sua pessoa. Aqui apresenta-se o aspecto do *seguimento* no qual é fundamental a importância da catequese permanente e a vida sacramental.<sup>106</sup>

O quarto aspecto é *a comunhão*. Não há como existir vida cristã fora de uma comunidade. Ser discípulo, é participar da vida da Igreja e no encontro com os irmãos, na qual devem viver o amor de Cristo na vida fraterna.<sup>107</sup>

Por fim, o último aspecto a ser destacado é *a missão*. Na medida em que se conhece e ama o seu Senhor, o discípulo experimenta a

<sup>101</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 128; DAp. 277.

<sup>102</sup> RETAMALES, 2007, p. 133.

<sup>103</sup> GALILEA, Segundo. **Discípulos de Cristo**. Trad. Georges I. Maissiat. São Paulo: Paulus, 1996. p. 26, grifo nosso.

<sup>104</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 129; DAp. 278.

<sup>105</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 129; DAp. 278, grifo do autor.

<sup>106</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 129; DAp. 278, grifo do autor.

<sup>107</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 130; DAp. 278, grifo do autor.



necessidade de compartilhar, com outros, a alegria de ser enviado e ir ao mundo anunciar aquele que o chamou.<sup>108</sup>

Posto esses cinco aspectos supracitados mostra-se que a formação é imprescindível para viver o discipulado, uma vez que o discípulo toma consciência de sua vocação original — que é alcançar a plenitude da comunhão na qual Jesus convida sua Igreja a viver no mundo. Uma vez que o discípulo toma consciência de sua vocação batismal, é chamado a dar um passo a mais em sua caminhada de fé, vivendo uma vocação específica.

---

<sup>108</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 130; DAp. 278, grifo do autor.



## 2 O PROCESSO DE DISCERNIMENTO VOCACIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES

Tendo caracterizado a identidade do discipulado, tratar-se-á, neste capítulo, sobre o processo de discernimento vocacional e suas implicações. Partindo da realidade concreta, procurar-se-á compreender o processo formativo do candidato ao presbiterado, os protagonistas desse caminho, as dimensões e o seminário como casa do discipulado e da configuração em Jesus Cristo.

### 2.1 OLHAR A REALIDADE

A condição do discípulo brota de Jesus Cristo como de sua fonte, pela fé e pelo batismo, e cresce na Igreja, comunidade onde todos os membros adquirem dignidade e participam de diversos ministérios e carismas. O discípulo não é alguém desvinculado da realidade; e, no cumprimento de sua vocação batismal, deve levar em consideração os desafios da atualidade que implicam, fortemente, na realidade eclesial.<sup>109</sup>

Trazendo para o contexto da formação ao presbiterado, aquele que é chamado a estar ainda mais perto de Jesus, precisa refletir sobre os diversos desafios que afetam a vida e o ministério dos presbíteros.<sup>110</sup> O processo de formação presbiteral necessita estar cada vez mais atento à realidade atual, cujos olhos da fé e o auxílio das ciências naturais poderão formar o futuro presbítero de forma integral.

O conceito de formação integral, segundo a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, reveste-se de máxima importância, conquanto que a pessoa seja — em sua totalidade — servidora do Senhor e da comunidade cristã. Aquele que se sente chamado não é um sujeito fragmentado, mas integral; um ser escolhido para alcançar uma sólida interioridade.<sup>111</sup>

Para atingir o objetivo de levar o candidato ao presbiterado a uma formação integral é necessário adotar um modelo pedagógico integrado.

---

<sup>109</sup> MILLEN, Maria Inês de C. Poder, pobreza e serviço: a formação da identidade do curador ferido. In: TRASFERETTI, José A.; MILLEN, Maria Inês de C.; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). **Formação: desafios morais**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 33-48. p. cit. 33.

<sup>110</sup> FELLER, Vitor G. **Ser padre hoje**. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013. p. 13.

<sup>111</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis**. Brasília: CNBB, 2017. p. 75; RFIS 92.

Ou seja, um caminho que considere a comunidade educativa como um todo, mas também, que se deixe guiar pela ação do Espírito Santo, garantindo, assim, o justo equilíbrio entre as dimensões da formação.<sup>112</sup>

De acordo com o *Documento de Aparecida*, a realidade que circunda a atual sociedade exige maior atenção aos projetos de formação dos seminários, pois os candidatos

[...] são vítimas da influência negativa da cultura pós-moderna, especialmente dos meios de comunicação, trazendo consigo a fragmentação da personalidade, a incapacidade de assumir compromissos definitivos, a ausência de maturidade humana, o enfraquecimento da identidade espiritual, entre outros, que dificultam o processo de formação de autênticos discípulos e missionários.<sup>113</sup>

Essa realidade já era mencionada no Concílio Vaticano II. De acordo com a *Gaudium et Spes*, a humanidade vive

[...] uma nova fase da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas reincidentem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas.<sup>114</sup>

Segundo as *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, em meio a essas mudanças de época, destacam-se: a maneira de lidar com o tempo, o imediatismo; as formas de comunicação, o estilo *marketing* que provoca o consumismo, o exibicionismo que promove a

---

<sup>112</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 75; RFIS 92.

<sup>113</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 145; DAp. 318.

<sup>114</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2007. p. 539-661. p. cit. 543; GS 4.

religião como espetáculo; o bem-estar-social, busca pelo conforto, pelas facilidades, pelo esteticismo, a autoridade e ao poder; e, os aspectos vitais e afetivos, a desvalorização dos vínculos afetivos e a vivência do celibato e da vida espiritual.<sup>115</sup> Diante dessa realidade, urge a necessidade de “[...] uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais”.<sup>116</sup>

Nesse sentido, diante dos desafios sociais, eclesiais e pessoais, a formação presbiteral deve buscar um mecanismo que possibilite um autodomínio. Uma formação que, na liberdade, conduza o formando à responsabilidade, à santidade e a viver como um autêntico discípulo de Jesus.<sup>117</sup>

Na formação inicial, o seminário, segundo o *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, representa “[...] o lugar de crescimento e amadurecimento da consciência do mistério de Cristo [...]”.<sup>118</sup> Esse amadurecimento conduz o candidato ao presbiterado a uma comunhão profunda com Cristo e com os irmãos, e servirá como fundamento para a compreensão da natureza do presbiterado. Além de ser, também, instrumento para o seu discernimento vocacional ao longo do processo de formação.<sup>119</sup>

## 2.2 PERCORRER O CAMINHO

A proposta do discipulado de Jesus acontece no caminhar da missão e, em tal caminho, aprende do Mestre um novo modo de viver, de amar e de servir. No decorrer do peregrinar e do convívio com o Senhor,

---

<sup>115</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil**. São Paulo: CNBB, 2019. p. 22-24; Doc. 110, 10.

<sup>116</sup> FRANCISCO, 2013, p. 41; EG 53.

<sup>117</sup> PETERMANN, André S. **A formação integral do presbítero hoje para uma vida de comunhão**. 166 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. p. 58.

<sup>118</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros**. Vaticano: 2013. Não paginado; DMVP, Introdução. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccclergy/documents/rc\\_c\\_on\\_ccclergy\\_doc\\_20130211\\_diretorio-presbiteri\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_c_on_ccclergy_doc_20130211_diretorio-presbiteri_po.html)>. Acesso em 23 mar. 2021.

<sup>119</sup> PATERMANN, 2017, p. 59.

o discípulo vai se configurando ao Cristo passando a pensar, sentir e agir conforme seus ensinamentos.

De acordo com as *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, o objetivo central do itinerário formativo é a configuração e o seguimento a Cristo, Bom Pastor e “[...] levando-os a buscar a santidade, ser discípulos missionários, verdadeiros pastores do povo de Deus”.<sup>120</sup> É vivenciando esse processo que o formando poderá vencer todas as tentações que a modernidade apresenta, entre elas o erro de se autoapascentar.

Nesse caminho configurativo, o candidato é chamado a estar cada vez mais perto do Mestre. Outrossim, é preciso percorrer “[...] um longo e belo caminho marcado pela luta interior e abertura à graça de Deus a fim de sedimentar as bases de um processo que durará para toda a vida”.<sup>121</sup>

Durante o percurso formativo, o candidato é convidado abraçar a pedagogia de Jesus, ou seja, a do seguimento. De acordo com Wellistony C. Viana,

Seguir Jesus significa deixar Deus moldar a realidade humana a partir da figura de seu Filho, o que traz consigo um duplo engajamento: de um lado, da liberdade humana no momento em que se abre à ação do Espírito; de outro, da ação transformadora da graça divina.<sup>122</sup>

Essa pedagogia do seguimento é marcada por cinco aspectos que, intrinsecamente, se complementam, a saber: a) o *encontro* com a pessoa de Jesus que faz despertar o chamado para segui-Lo mais de perto; b) é necessário ter um coração aberto à *conversão*, esse aspecto deve levar o formando a ter uma disponibilidade ao processo de mudança de vida e de mentalidade; c) diante da abertura de coração no processo de coração, inicia o *discipulado*, onde o formando vai amadurecendo e crescendo no conhecimento, no amor, na intimidade e na identificação com o Mestre; d) o amadurecimento no itinerário formativo leva o candidato a tomar consciência da importância da vida comunitária e fraterna, na qual revela o quarto aspecto, o da *comunhão*; e) por fim, o último aspecto é a *missão*,

---

<sup>120</sup> CNBB, 2019, p. 49; Doc. 110, 72.

<sup>121</sup> VIANA, Wellistony C. **Um longo e belo caminho**: um itinerário para seminaristas. Brasília: CNBB, 2013. p. 17.

<sup>122</sup> VIANA, 2013, p. 17.

onde — na medida em que o formando conhece e ama o Senhor — sente a necessidade de compartilhar com os irmãos a sua alegria de sentir-se chamado pelo Mestre.<sup>123</sup>

Posto isso, torna-se claro que o processo formativo é extremamente importante na vida do candidato ao presbiterado. E, nesse percurso que permitirá o candidato a se configurar a Cristo, apresentam-se três protagonistas fundamentais: o Espírito Santo, o formador e o formando.

## 2.3 PROTAGONISTAS DO CAMINHO

A caminhada vocacional, como visto na subseção anterior, é acompanhada de cinco aspectos importantes: encontro, conversão, discipulado, comunhão e missão. Levando em consideração esses aspectos, o itinerário formativo participa do mistério da salvação humana em Cristo e tem como fim último a santificação do formando, além de torná-lo presbítero.

Diante desse percurso, Deus, na sua graça, age em dois âmbitos na vida do formando: um interno e outro externo. No primeiro, de acordo com Viana, Deus e o formando travam intimamente um diálogo e, neste sentido, há a interação entre graça e liberdade, tendo como protagonistas principais o Espírito Santo e o formando. Já, no âmbito externo, segundo o mesmo autor, o Espírito Santo serve-se de outras mediações para auxiliar o candidato na sua configuração a Cristo, a saber: a Igreja (bispo e formador), os professores e os cristãos em geral<sup>124</sup>.<sup>125</sup> Destarte, apresentar-se-á, sinteticamente, o protagonismo do Espírito Santo, dos formadores e do próprio formando no processo formativo.

### 2.3.1 Espírito Santo

De acordo com São João Paulo II, em sua Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*, “[...] é o Espírito de Jesus que anima e

---

<sup>123</sup> PATERMANN, 2017, p. 64-67, grifo do autor.

<sup>124</sup> Vale ressaltar a importância da família e da comunidade eclesial do formando, uma vez que eles contribuem muito em sua formação. É da família que brota todas as vocações e que se dá os primeiros passos na fé. A comunidade de origem ajuda a cultivar a semente lançada no coração do jovem que se sente chamado ao seguimento de Jesus.

<sup>125</sup> VIANA, 2013, p. 44.

dá força no discernimento do caminho vocacional. Não existe uma autêntica obra formativa para o sacerdócio sem o influxo do Espírito”.<sup>126</sup> Assim sendo, diante do processo formativo, o Espírito Santo tem papel fundamental. Nas palavras de Viana, é Ele quem age “[...] no formando ao longo dos anos para que se configure ao Cristo, Mestre, Sacerdote e Pastor”.<sup>127</sup>

Destarte, para que a graça de Deus, pela ação do Espírito Santo, aja na vida do formando é necessário que o mesmo seja dócil e se abra para a ação divina. Neste sentido, a liberdade tem suma importância no processo, uma vez que é ela que permite o candidato se abrir ou não para a graça e a responsabilidade de conservar o dom que recebeu.<sup>128</sup> Assim sendo, o Espírito Santo é o primeiro formador haja vista que é Ele que conduzirá o formando em sua formação inicial e, posteriormente, em sua vivência presbiteral.

É importante ressaltar que a ação do Espírito Santo na vida do candidato ao presbiterado antecede ao ingresso no seminário. De acordo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em seu *Documento Comunidade de Comunidades*, a comunidade de origem é um lugar de mediação e, essencialmente, contribui para acolher e acompanhar os primeiros passos na caminhada vocacional. É nela que o formando, através do Batismo, recebe a filiação divina e dá os primeiros passos na fé.<sup>129</sup> Da mesma forma, é por meio dela que o vocacionado experimenta a comunhão fraterna<sup>130</sup>, a partilha<sup>131</sup>, os ensinamentos dos apóstolos<sup>132</sup>, bem como alimenta-se da oração<sup>133,134</sup>

Diante das premissas supracitadas, a Igreja é, por natureza, memória e sacramento da presença e da ação de Cristo. Assim sendo, o papel da Igreja é acolher o chamado ao sacerdócio e, além disso,

---

<sup>126</sup> JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 168; PDV 65.

<sup>127</sup> VIANA, 2013, p. 46.

<sup>128</sup> VIANA, 2013, p. 47.

<sup>129</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de Comunidades – uma nova paróquia*: a conversão pastoral da paróquia. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 43-44; Doc. 100, 77-78.

<sup>130</sup> At 2,44-45; 4,32; 34-35.

<sup>131</sup> Jo 6,11; Lc 24,30-35; At 2,46; 20,7.

<sup>132</sup> ITs 2,13.

<sup>133</sup> At 5,12b; 4,23-31; 6,4.

<sup>134</sup> CNBB, 2014, p. 44-45; Doc. 100,80.



acompanhá-lo para que este possa conhecer a graça do Senhor e possa, assim, dar livremente uma resposta de amor.<sup>135</sup>

Por fim, é o Espírito Santo que garante a presença de Cristo na vida do vocacionado. É por meio d'Ele que o formando se liberta de tudo que impede de seguir de perto ao Senhor.<sup>136</sup> Depende de sua ação para que haja fecundidade na missão de evangelizar.<sup>137</sup> Outrossim, é necessário deixar-se guiar pelo Espírito Santo a fim de que Ele possa iluminar, orientar e impulsionar a vida do vocacionado, tornando-o verdadeiramente livre em suas escolhas.<sup>138</sup>

### 2.3.2 Formadores

De acordo com o *Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos* que tem como tema: os jovens, a fé e o discernimento vocacional,

Ao acolher os jovens nas casas de formação ou seminários, é necessário verificar se possuem um suficiente enraizamento em uma comunidade, como também uma estabilidade nas relações de amizade com outros jovens, no compromisso de estudo ou trabalho, no contato com a pobreza e o sofrimento.<sup>139</sup>

Nessa perspectiva, os formadores têm a missão de acompanhar, orientar e cultivar a semente que fora plantada no coração do vocacionado. Para tal, a missão confiada a eles deve ser assumida com amor e responsabilidade. De acordo com o *Código de Direito Canônico*, a comunidade mínima dos formadores na direção de um seminário deve ser constituída por um reitor e um diretor espiritual.<sup>140</sup> Em tese, os

<sup>135</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 169; PDV 65.

<sup>136</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2018, Vaticano. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: documento final. São Paulo: Paulus, 2019. p. 64; 111.

<sup>137</sup> FRANCISCO, 2013, p. 159; EG 280.

<sup>138</sup> CARRARA, Paulo S. **Presbítero**: discípulo do Senhor e pastor do rebanho. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 84.

<sup>139</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2019, p. 58; 100.

<sup>140</sup> CÓDIGO de Direito Canônico. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 84; CDC 239, 1.

formadores são escolhidos pelo bispo e, para tal, são considerados a idoneidade e o testemunho de vida presbiteral no exercício de seu ministério.<sup>141</sup>

Segundo a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, o reitor “[...] será um presbítero que se distingue pela prudência, sabedoria e equilíbrio, altamente competente e que coordene a ação educativa do governo do seminário”.<sup>142</sup> Já o diretor espiritual, segundo o mesmo documento, “[...] deve ser um verdadeiro mestre de vida interior e de oração, que ajude o seminarista a acolher o chamado divino e a amadurecer uma resposta livre e generosa”.<sup>143</sup> Nessa perspectiva, o serviço de acompanhar é uma verdadeira missão e exige abertura, disponibilidade apostólica daqueles que o prestam.<sup>144</sup>

Vale ressaltar que não são os formadores que formam o vocacionado. É pela graça de Deus através do Espírito Santo. Neste sentido, Viana diz:

Os formadores precisam ter consciência de que [...] eles não *formam* o candidato ao ministério sacerdotal, pois esse papel é somente do Espírito, ocasionado pela abertura do formando. O formador é colaborador dos bispos enquanto assume a missão de discernir e acompanhar as vocações; é colaborador do Espírito, enquanto deve se esforçar para provocar a *docilitas* do formando aos apelos de Deus; e do próprio formando quando se faz um amigo de caminhada para orientá-lo com segurança.<sup>145</sup>

Para que os formadores realizem, de forma efetiva, a sua missão, é preciso ter uma vida enraizada no Senhor. Ou seja, cultivar sua vida espiritual, nutrindo a relação que o mantém junto daquele que é responsável de acompanhar. Para tal, devem estar abertos à ação do Espírito Santo, só assim vão respeitar o resultado da jornada de cada

---

<sup>141</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 170-171; PDV 66.

<sup>142</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 99-100; RFIS 134.

<sup>143</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 100; RFIS 136.

<sup>144</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2019, p. 59; 101.

<sup>145</sup> VIANA, 2013, p. 47, grifo do autor.

formando e se alegrar com os frutos que o Paráclito produz naqueles que se permitem formar.<sup>146</sup>

### 2.3.3 Formando

No itinerário formativo, como visto nas subseções anteriores, além da ação do Espírito Santo, formador por excelência e da Igreja, chamada a acompanhar e colaborar na formação de seus discípulos, outro protagonista é de extrema importância: o próprio formando. Sem a sua resposta livre e generosa não há um sujeito a ser formado. Por isto, o vocacionado deve ser protagonista do seu caminho.

Parafraseando o Papa Francisco em seu *Discurso aos seminaristas, aos noviços e às noviças* por ocasião do ano da fé, o seminarista é chamado a sair de si, para caminhar, em Cristo, na direção ao Pai e aos outros.<sup>147</sup> Em tal perspectiva, de acordo com a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, o projeto formativo tem a missão de ajudar o vocacionado ao sacerdócio a reconduzir para o Cristo todos os aspectos da sua personalidade, tornando-os livres para Deus e para os outros.<sup>148</sup>

No percurso formativo, o candidato ao presbiterado é convidado a entrar num processo de abertura desejando-se autoformar. Isto é, ter a consciência de que ele é, também, protagonista do seu caminho de configuração. Diante desta ideia, a Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* constata que,

[...] o próprio candidato ao sacerdócio deve ser considerado protagonista necessário e insubstituível na sua formação: toda e qualquer formação, naturalmente incluindo a sacerdotal, é o fim de contas uma autoformação.<sup>149</sup>

---

<sup>146</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2019, p. 59-60; 102-103.

<sup>147</sup> FRANCISCO. **Discurso aos seminaristas, aos noviços e às noviças provenientes das várias partes do mundo por ocasião do Ano da Fé.** Sala Paulo VI, 6 jul. 2013. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130706\\_incontro-seminaristi.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130706_incontro-seminaristi.html)>. Acesso em: 25 mar. 2021.

<sup>148</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 39-40; RFIS 29.

<sup>149</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 178; PDV 69.

Diante de tal afirmação, é evidente que nenhum no seminário formará alguém que não queira ser formado. Assim sendo, o maior desafio no percurso formativo é despertar no candidato ao presbiterado o desejo do *querer formar-se*.<sup>150</sup> Para isso, os seminaristas são chamados a estabelecerem uma relação de modo sincero e transparente com seus formadores.<sup>151</sup>

Outrossim, no candidato ao presbiterado é necessário crescer, também, a consciência de que o protagonista — por excelência — é o Espírito Santo. É através da ação da graça de Deus que o vocacionado ao sacerdócio se configura e se assimila a Jesus Cristo Bom Pastor. Para tanto, de acordo com a *Exortação Apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*,

[...] o candidato afirmará a sua liberdade da maneira mais radical, ao acolher a ação formadora do Espírito. Mas acolher esta ação significa também, da parte do candidato ao sacerdócio, acolher as *mediações* humanas de que o Espírito se serve. Por isso mesmo, a ação dos vários educadores só se revela verdadeira e plenamente eficaz se o futuro sacerdote lhe oferece sua pessoal, convicta e cordial colaboração.<sup>152</sup>

Vale ressaltar que a consciência do autoformar-se não é adquirida de uma hora para outra. A maturidade da consciência da autoformação é construída ao longo do caminho perpassando as etapas formativas. Para isso é necessário fazer um *bom discernimento*<sup>153</sup> e auxiliar os seminaristas a esclarecer e amar profundamente o chamado que lhe foi feito. Da mesma forma, criar condições para que o mesmo assuma a opção fundamental por Cristo e, assim, colocar-se nas mãos d'Aquele que o chamou, por intermédio da Igreja, dos formadores, afim de uma autoformação integral que perpassa todas as dimensões humanas.<sup>154</sup>

---

<sup>150</sup> VIANA, 2013, p. 52, grifo do autor.

<sup>151</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 48; RFIS 45.

<sup>152</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 179; PDV 69.

<sup>153</sup> Um bom discernimento é caminho de liberdade que faz aflorar a realidade singular de cada pessoa, aquilo que é tão seu, tão pessoal, que só Deus sabe. (FRANCISCO. *Exortação Apostólica Christus Vivit*. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 167; CV 295, grifo nosso.)

<sup>154</sup> PATERMANN, 2017, p. 73.

## 2.4 AS DIMENSÕES DA FORMAÇÃO

O *Documento de Aparecida* é claro em afirmar que

[...] a missão principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrar com Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo.<sup>155</sup>

Nesse sentido, é necessário que a formação obedeça a um processo integral de várias dimensões a serem harmonizadas entre si. Esse harmonioso conjunto de dimensões formativas, bem como o exercício das mesmas no caminho de formação ao presbiterado, garantem o estabelecimento de fundamentos sólidos e eficientes para a vida e a missão dos futuros presbíteros.<sup>156</sup>

Num mundo cada vez mais fragmentado, individualista, cresce — ainda mais — a necessidade de uma formação integral e de fazer com que o candidato ao presbiterado tome consciência de se abrir ao processo formativo.

### 2.4.1 Dimensão humano-afetiva

A dimensão humano-afetiva, juntamente com as outras dimensões tem como modelo a pessoa de Jesus. O chamado divino, de acordo com a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, envolve o ser humano concreto. Diante disso, o vocacionado é chamado a desenvolver a sua personalidade, tendo como fonte Jesus Cristo.<sup>157</sup>

Em tal perspectiva, de acordo com as *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, a fonte primeira da formação humana-afetiva é “[...] reconhecer-se amado e chamado pelo Senhor e, assim, aceitar o desafio de segui-Lo e imitá-Lo”.<sup>158</sup> Assim, a humanidade do candidato ao presbiterado faz parte de sua identidade uma vez que Cristo também foi verdadeiramente humano. Seguindo a mesma ideia, a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* comenta que o presbítero é

<sup>155</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 130; DAp. 279.

<sup>156</sup> CNBB, 2019, p. 99; Doc. 110, 183.

<sup>157</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 76; RFIS 93.

<sup>158</sup> CNBB, 2019, p. 100; Doc. 110, 186.

[...] chamado a ser imagem viva de Jesus Cristo, Cabeça e Pastor da Igreja, ele deve procurar refletir em si mesmo, na medida do possível, aquela perfeição humana que resplandece no Filho de Deus feito homem e que transparece com particular eficácia em suas atitudes com os outros, tal como os evangelistas apresentam.<sup>159</sup>

Chamado ao seguimento fiel de Jesus Cristo, o vocacionado é convidado a conhecer a si mesmo em profundidade. Nessa dinâmica de autoconhecimento o Espírito Santo conduz o formando ao crescimento como pessoa, faz descobrir a fecundidade de sua vida e missão, preparando-o para a consagração plena de si mesmo ao Cristo Bom Pastor, ao serviço do povo de Deus, pelo celibato presbiteral<sup>160 161</sup>.

Conquanto, para que o vocacionado tenha condições de se autoconhecer e, a partir disso, crescer como pessoa, é necessário que a formação presbiteral crie possibilidades para que o mesmo alcance este intento. Diante do contexto atual, cresce a necessidade de pensar um processo formativo que possibilite uma maturidade afetiva do candidato ao presbiterado, maturidade que tem como finalidade a educação para o amor verdadeiro e responsável.<sup>162</sup>

Conforme a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, para que a ação educativa seja fecunda é necessário que cada vocacionado

[...] tenha pleno conhecimento da própria história de vida e partilhando-a com os formadores, o modo como viveu a infância e adolescência, as influências exercidas pela família e pelas figuras parentais, a sua capacidade, ou falta dela, de criar relações interpessoais maduras e equilibradas, assim como de gerir de modo positivo os momentos de solidão.<sup>163</sup>

---

<sup>159</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 116; PDV 43.

<sup>160</sup> Chamado a observar a continência perfeita e perpétua por causa do Reino dos céus, os presbíteros são obrigados à vivência do celibato. O celibato é um dom especial de Deus na qual os ministros sagrados podem mais facilmente unir-se a Cristo de coração indiviso e dedicar-se mais livremente ao serviço de Deus e dos homens. (CÓDIGO..., 2015, p. 94; CDC 277, 1.).

<sup>161</sup> CNBB, 2019, p. 100-101; Doc. 110, 187.

<sup>162</sup> PATERMANN, 2017, p. 76

<sup>163</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 77; RFIS 94.

O processo de autoconhecimento, como visto acima desta pesquisa, conta com três importantes protagonistas. Assim sendo, o formando recebe o auxílio do Espírito Santo — eternamente — e dos formadores — por um período — que caminharão com ele ao longo do caminho que durará por toda sua vida.

Diante dessa realidade, é preciso que o formando seja educado para a liberdade. Requer que ele seja — verdadeiramente — dono de si mesmo, capaz de combater o egoísmo e o individualismo — tão presentes nos dias de hoje — e abrir-se, generosamente, aos irmãos dedicando-se ao serviço do outro. Ao mesmo tempo, de acordo com a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, é necessário que o seminarista eduque sua consciência moral. Para poder fielmente satisfazer às suas obrigações para com o Senhor e com a Igreja, bem como orientar as consciências dos fiéis, o vocacionado é chamado a escutar a voz do Mestre que fala no íntimo do coração e, assim, aderir — com fidelidade e amor — à sua vontade.<sup>164</sup>

Por fim, a dimensão humano-afetiva tem como objetivo conduzir o vocacionado a assumir a própria história e cuidar dela tornando-se capaz de viver como cristão em um mundo plural, com equilíbrio, fortaleza, serenidade e liberdade. Para tanto, a abertura ao processo formativo deve ser fundamental, não só para esta dimensão, mas para as demais.

#### **2.4.2 Dimensão comunitária**

Chamado ao sacramento da Ordem e a reunir na unidade presidindo o povo de Deus, o seminarista deve ter a consciência de que será um ser de comunhão. Diante de tal realidade, é necessário que o processo formativo, segundo a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, seja realizado “[...] dentro de um clima comunitário, capaz de favorecer aquelas atitudes que são próprias e funcionais à vida e ao ministério sacerdotal”.<sup>165</sup>

Como já visto no capítulo primeiro desta pesquisa, o Senhor chama para si os que Ele quer para que fiquem com Ele.<sup>166</sup> Da mesma forma em que os Doze experienciaram profundamente a comunhão íntima com o

---

<sup>164</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 120-121; PDV 44.

<sup>165</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 74; RFIS 91.

<sup>166</sup> Mc 3,14.

Senhor, os vocacionados de hoje são convidados a viver a mesma realidade. E aqui as *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil* diz que no seminário os “[...] os seminaristas aprendem a cuidar de si e dos outros, para um dia construírem a Igreja, *casa e escola da comunhão*, seguindo a experiência de Jesus com os seus apóstolos”.<sup>167</sup>

Assim sendo, a vida comunitária é “[...] o contexto mais adequado para a formação de uma verdadeira fraternidade sacerdotal”.<sup>168</sup> Ou seja, os membros da comunidade formativa, reunidos pelo Espírito Santo, colaboram, de acordo com o dom recebido, para o crescimento de todos na fé e na unidade, tendo como finalidade a preparação adequada para o sacerdócio.<sup>169</sup>

Para tanto, o candidato ao presbiterado é chamado a renovar constantemente sua motivação na vivência comunitária, no qual suas raízes constituem na natureza da Igreja chamada e constituída pelo Criador a ser Seu povo<sup>170</sup>; na essência do ministério presbiteral, que deve ser assumido como uma missão comunitária<sup>171</sup>; e, na comunhão com Cristo vivenciada pelos primeiros discípulos.<sup>172</sup>

Para melhor vivência dessas motivações, é necessário que alguns instrumentos formativos sejam observados, a saber: uma comunicação sincera e aberta entre formando e formador; a partilha e revisão de vida; a correção fraterna.<sup>173</sup> Além disso, exige do vocacionado ao presbiterado a capacidade de viver a comunhão com o bispo e o presbitério, bem como partilhar a sua experiência de vida com o Povo de Deus.<sup>174</sup>

É vivenciando e aprofundando a dimensão comunitária que o futuro sacerdote experimenta e enraíza os apelos evangélicos de comunhão e fraternidade. Assim sendo, os seminários devem possibilitar um clima de confiança e respeito mútuo possibilitando a abertura sincera por parte do formando, embasado no diálogo e na honestidade a fim de prepará-los para o ministério ordenado.

---

<sup>167</sup> CNBB, 2019, p. 168; Doc. 110, 325, grifo do autor.

<sup>168</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 74; RFIS 90.

<sup>169</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 159; PDV 60.

<sup>170</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 112-113; LG 9.

<sup>171</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 45; PDV 17.

<sup>172</sup> Mc 3,14.

<sup>173</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 74; RFIS 90.

<sup>174</sup> CNBB, 2019, p. 94-95; Doc. 110, 172-173.



### 2.4.3 Dimensão espiritual

No itinerário formativo, a dimensão espiritual assume um lugar importantíssimo na vida do futuro sacerdote. A dimensão espiritual é orientada para alimentar e sustentar a comunhão com a Trindade e com os irmãos em vista de uma perfeita caridade e santidade de vida.<sup>175</sup> Neste sentido, ela é o coração que une e vivifica o ser e o agir do sacerdote.

Assim sendo, de acordo com o Decreto *Optatam Totius*, é necessário que a dimensão espiritual seja ministrada de tal modo que os futuros padres

[...] aprendam a viver em íntima comunhão e familiaridade com o Pai por meio do Filho Jesus Cristo no Espírito Santo. Destinados a configurar-se a Cristo Sacerdote por meio da ordenação, habituem-se também a viver intimamente unidos a Ele, como amigos, em toda a sua vida. Vivam o mistério pascal de Cristo, de modo a saberem um dia iniciar nele o povo que lhes será confiado. Sejam ensinados a procurar Cristo por meio da fiel meditação da Palavra de Deus; pela participação ativa nos mistérios sacrossantos da Igreja, sobretudo na Eucaristia, e na Liturgia das Horas; por meio do Bispo que os envia e dos homens a quem são enviados, especialmente os pobres, simples, doentes, pecadores e descrentes. Com confiança filial, amem e venerem a Santíssima Virgem Maria que foi entregue por Jesus moribundo na cruz, como Mãe, ao seu discípulo.<sup>176</sup>

Isto posto, segundo as *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, a dimensão espiritual é, ao mesmo tempo, trinitária, cristocêntrica e eclesial. É trinitária pois o vocacionado é chamado a compreender como, pelo sacramento da Ordem, será enviado pelo Pai e configurado a Cristo Bom Pastor, para atuar na força do Espírito Santo, na comunhão da Igreja para a salvação do mundo. É cristocêntrica porque o centro da vida espiritual é o mistério pascal no qual exerce uma

<sup>175</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 81; RFIS 101.

<sup>176</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Optatam Totius*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2007. p. 297-319. p. cit. 305-306; OT 8.

profunda força de atração na oferta radical da vida a Cristo. É eclesial, pois o candidato ao presbiterado é chamado a ser ministro da presença de Cristo em sua Igreja e servidor da comunhão e participação no meio do povo.<sup>177</sup>

Vale ressaltar que a formação espiritual acontece, progressivamente, no caminho de configuração a Cristo Bom Pastor. Para tal, é necessária uma abertura sincera à conversão e ter o desejo de ser formado. Nesse percurso, o futuro presbítero conta com o auxílio de alguns elementos importantes que o levarão ao destino desejado, a saber: a escuta da Palavra, o sacramento da Eucaristia e a figura materna de Nossa Senhora.

De acordo com a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, o futuro presbítero “[...] antes de ser servidor da Palavra de Deus, será discípulo e ouvinte”.<sup>178</sup> Assim sendo, é chamado a fazer a leitura meditada e orante da Sagrada Escritura. Destarte, não basta apenas ler e estudar a Sagrada Escritura, mas é necessário compreendê-la e, acima de tudo, vivê-la, sobretudo no contexto da nova evangelização<sup>179</sup> a qual a Igreja hoje é chamada.<sup>180</sup>

No percurso formativo, a Eucaristia é um elemento fundamental no caminho de configuração a Cristo. Ela é o ponto culminante da oração cristã. Assim sendo, deve ser o centro e o cume da vida do seminarista na qual torna presente cotidianamente o mistério da comunhão com o Senhor e se adquire força na caminhada.<sup>181</sup>

Por tal perspectiva, a Eucaristia torna-se princípio, meio e fim para aqueles que desejam abraçar o ministério sacerdotal. Diante disto, o candidato ao presbiterado, já no período de formação inicial, é chamado a conformar Eucaristia com sua própria vida. Ela não deve ser apenas um horário a ser cumprido na vida de seminário, mas, sim, ser o momento mais sublime, onde se manifesta o amor gratuito ao Senhor e aos irmãos.<sup>182</sup>

Nessa busca de se configurar a Cristo, Bom Pastor, não se pode esquecer da figura de Maria, esta que é Mãe e modelo da Igreja.<sup>183</sup> Assim

<sup>177</sup> CNBB, 2019, p. 108-109; Doc. 110, 204.

<sup>178</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 127; PDV 47.

<sup>179</sup> Sair de uma Igreja de manutenção para uma Igreja em saída.

<sup>180</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 82; RFIS 103.

<sup>181</sup> CNBB, 2019, p. 114; Doc. 110, 216.

<sup>182</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 131; PDV 48.

<sup>183</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia***. Vaticano: 2003. Não paginado; EE 53. Disponível em: < <http://www.vatican.va/content/john->

sendo, ao longo do processo formativo, os vocacionados ao sacerdócio são motivados a desenvolver um amor filial à Nossa Senhora e, assim como discípulo amado, acolhê-la em sua casa. Ela oferecerá, aos futuros sacerdotes, a força necessária e a esperança nos momentos de dificuldade e os estimulará a ser, verdadeiramente, discípulos e missionários para o Povo de Deus.<sup>184</sup>

Em suma, a formação espiritual para aqueles que desejam abraçar a vocação presbiteral deve utilizar diversos instrumentos que tendem a contribuir para o crescimento espiritual de cada formando. Além dos aqui citados, Palavra de Deus, Eucaristia e Nossa Senhora, é de extrema importância, segundo a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, fazer uso da direção espiritual, dos exercícios espirituais, da vivência do sacramento da penitência, da leitura e meditação da vida dos santos, entres outros elementos.<sup>185</sup>

#### 2.4.4 Dimensão pastoral-missionária

De modo geral, de acordo com a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, o processo formativo do candidato ao presbiterado deve ser orientado à ação pastoral e missionária.<sup>186</sup> Segundo o Decreto *Optatam Totius*, o seminário tem como objetivo, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, formar verdadeiramente pastores de almas.<sup>187</sup> Assim sendo, é necessário que a formação exija do seminarista um estudo das disciplinas pastorais e práticas, bem como uma profunda reflexão sobre a história da Igreja.<sup>188</sup>

Por conseguinte, a proposta formativa dos futuros sacerdotes deve possibilitar uma sólida e autêntica iniciação à sensibilidade de pastor.<sup>189</sup> Para tanto, é necessário que a formação conduza os formandos a serem peritos na arte do discernimento pastoral. Nesta direção a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* diz que

---

paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\_jp-ii\_enc\_20030417\_eccl-de-euch.html>. Acesso em 13 abr. 2021.

<sup>184</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 146; DAp. 320.

<sup>185</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 83-84; RFIS 106-108.

<sup>186</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 150; PDV 57.

<sup>187</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 302; OT 4.

<sup>188</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 152; PDV 57.

<sup>189</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 153; PDV 58.

Para realizar o discernimento pastoral, deve colocar-se no centro o estilo evangélico da escuta, que liberta o pastor das tentações da abstração, do protagonismo, da excessiva segurança de si e daquela frieza que o tornaria *um contabilista do espírito*, ao invés de *um bom samaritano*.<sup>190</sup>

A formação que conduz o candidato ao presbiterado ao discernimento pastoral, ajuda-o a assumir, verdadeiramente, o ministério como verdadeiro serviço, no qual seu ser e seu testemunho tornam-se realidades inseparáveis. É educando o futuro sacerdote a ter um olhar e um coração de pastor que procura, acompanha e guia a suas ovelhas que possibilitará ao mesmo, no exercício de seu ministério, a ter um estilo sereno capaz de acolher as pessoas nas mais diversas situações existenciais.<sup>191</sup>

Trazendo para a realidade do mundo hodierno, cresce — ainda mais — a necessidade de formar pastores conforme o coração de Jesus. Ou seja, o formando é convidado, diante do contexto vigente, a “[...] superar uma pastoral de mera conservação ou manutenção para assumir uma pastoral decididamente missionária”.<sup>192</sup> Essa opção, além de possibilitar o candidato ao presbiterado, a desenvolver ações que superem as urgências pastorais, o conduz, também, a recomeçar sempre o caminho a partir de Cristo, modelo de serviço e amor ao próximo.

Diante disso, é preciso que a formação possibilite, aos vocacionados ao sacerdócio, experiências pastorais que o possibilitem vivenciar tais realidades. Ou seja, através da ação do Espírito Santo, já possam ser capazes de sentir “[...] compaixão, generosidade, amor por todos, especialmente pelos mais pobres, e pronta solicitude pela causa do Reino, que caracterizam o ministério público do Filho de Deus, e que se podem resumir a caridade pastoral”.<sup>193</sup>

Por fim, em seu itinerário formativo, diante dessa dimensão específica, é importante que o candidato ao presbiterado tenha a consciência da Igreja como comunhão missionária. Isto o possibilitará amar e viver a essencial dimensão missionária da Igreja, bem como as

<sup>190</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 90; RFIS 120, grifo do autor.

<sup>191</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 90; RFIS 120.

<sup>192</sup> CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019**. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 35; Doc 102, 30.

<sup>193</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 90; RFIS 119.

diversas atividades pastorais.<sup>194</sup> Com tal realidade, ele será capaz de acolher com docilidade e disponibilidade a vontade de Deus em sua vida.

### 2.4.5 Dimensão intelectual

Assim como as outras dimensões já mencionadas nesta pesquisa, a formação intelectual é de suma importância para o processo formativo integral. De acordo com a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, a dimensão intelectual embora possua sua especificidade, está diretamente ligada às dimensões humano-afetiva, pastoral e espiritual. Através dessa dimensão o candidato “[...] participa da luz da inteligência de Deus e procura adquirir uma sabedoria que [...] se abre e orienta para o conhecimento e a adesão a Deus”.<sup>195</sup>

Trazendo para o contexto atual, marcado por uma sociedade cada vez mais pluralista, relativista e criticista, torna-se cada vez mais necessário uma formação intelectual adequada. Isto é, que seja capaz de conduzir o futuro presbítero a ser uma pessoa que esteja aberta ao diálogo às diferentes visões fornecendo fundamentos sólidos naquilo que é específico da fé cristã.<sup>196</sup>

A partir de um aprofundamento das ciências filosóficas e teológicas, bem como uma boa introdução ao Direito Canônico e às ciências sociais e históricas, possibilitará o candidato ao presbiterado um conhecimento da revelação de Deus. Além disso, através dessa abertura ao mistério de Deus e do acolhimento sólido de sua revelação, fornecerá — ao formando — instrumentos e linguagens para o anúncio de Cristo. Assim afirma a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:

É dever de todo povo de Deus e sobretudo dos pastores e teólogos, com a ajuda do Espírito Santo, saber ouvir, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-los à luz da palavra de Deus, de modo que a Verdade revelada possa ser cada vez mais intimamente percebida, melhor compreendida e apresentada de um modo mais conveniente.<sup>197</sup>

---

<sup>194</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 157; PDV 59.

<sup>195</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 138; PDV 51.

<sup>196</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 89; RFIS 118.

<sup>197</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 539; GS 44.

Por tal perspectiva, a formação intelectual não é um componente secundário do processo formativo. É uma dimensão necessária para o crescimento e amadurecimento humano, cristão, espiritual e vocacional. Ela é parte da formação integral do presbítero e deve ser integrada num caminho espiritual marcado pela experiência de fé em Deus afim de superar a pura ciência conceitual. Deste modo, o formando torna-se capaz, como afirma a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, de “[...] chegar àquela inteligência do coração que sabe *ver*, primeiro, o mistério de Deus, e depois é capaz de comunicá-lo aos irmãos”.<sup>198</sup>

## 2.5 CASA DE FORMAÇÃO: CASA DO DISCIPULADO E DA CONFIGURAÇÃO

Na perspectiva de compreender o processo formativo do candidato ao presbiterado, as casas de formação são essenciais nesse caminho do discipulado e de configuração a Cristo Bom Pastor. De acordo com o *Documento de Aparecida*, as casas de formação são espaços privilegiados para a formação de discípulos missionários uma vez que possibilitam a acolhida, o diálogo e a fraternidade.<sup>199</sup> Em outras palavras, as casas de formação são lugares específicos para cultivar a semente vocacional que foi germinada a partir do encontro e do convite de Jesus: “*Vem e segue-me*”.<sup>200</sup>

De modo geral, as casas de formação são o espaço onde o candidato ao presbiterado forma a sua consciência e seu coração de pastor. Como casa, o seminário “[...] proporciona uma estrutura de convivência mais pessoal e humana, onde os conflitos são superados de maneira direta e construtiva”.<sup>201</sup> Desse modo, a característica fundamental que ele proporciona é a fraternidade. Tal fraternidade baseia-se na comunhão com Cristo na qual, desperta no formando a consciência de que ele vive numa comunidade de fé e de amor e partilha a mesma vocação com os irmãos.

Por isso, as casas de formação são a continuação da mesma comunidade apostólica reunida em volta do Mestre Jesus.<sup>202</sup> Comunidade que escuta a Palavra, que se coloca a caminho, que experimenta os

---

<sup>198</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 140; PDV 51, grifo do autor.

<sup>199</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 144-145; DAp. 316.

<sup>200</sup> Mc 1,14; Mt 9,9, grifo nosso.

<sup>201</sup> CNBB, 2019, p. 167; Doc. 110, 322.

<sup>202</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 158; PDV 60.

mistérios pascais e espera o dom e a graça do Espírito Santo para a missão. Em outras palavras, é uma comunidade educativa em caminhada e chamada a permanecer com Jesus no partir do pão e na escuta amorosa da sua Palavra.

Como espaço formativo, o seminário tem a missão de contribuir para o despertar da vocação humana, cristã e eclesial; que os levem a perceber os sinais do chamado de Deus e a resposta livre e consciente. Outrossim, é no seminário que o formando tem a possibilidade de compreender que

[...] a vocação sacerdotal é um dom de Deus, que constitui certamente um grande bem para aquele que é o seu primeiro destinatário. Mas é também um dom para a Igreja inteira, um bem para a sua vida em missão.<sup>203</sup>

Em suma, a formação inicial — compreendida com o período de formação que acontece dentro dos seminários — tem a missão de levar o formando ao crescimento do ser, do saber e do servir.

Formação do *ser*: que o seminarista venha a ser autêntica pessoa humana, cristã e presbiteral orientando desejos e buscas para que a sua existência glorifique o Deus da Vida. Uma verdadeira formação do ser permite viver a vida e o ministério com entusiasmo, vitalidade, alegria; formação do *saber*: que o seminarista alcance a sabedoria humano-espiritual, como discípulo e missionário do Senhor Jesus, mediante os estudos acadêmicos à altura dos desafios da modernidade. Abrindo-se a outros saberes e modos de pensar a complexidade do tempo presente, para tornar-se intérprete das coisas de Deus e de seu Reino; formação para o *servir*: que o seminarista adquira o espírito de serviço, a exemplo do bom samaritano, para lidar criativamente com a multiplicidade de desafios da ação evangelizador em novos contextos socioculturais e religiosos. A formação do líder servidor implica leitura orante da Palavra e a escuta das demandas do povo de Deus,

---

<sup>203</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 108; PDV 41.

implica saber ver e avaliar a realidade para nela melhor intervir e conviver.<sup>204</sup>

Essa formação do ser, do saber e do servir não implica apenas na formação inicial, mas, acontece de forma contínua. Ela implica continuidade e gradualidade que leva o candidato ao presbiterado ao amadurecimento e ao crescimento em todos os aspectos de sua vida. Esse amadurecimento conduz o candidato ao presbiterado a uma comunhão profunda com Cristo e com os irmãos, e servirá como fundamento para a compreensão da natureza do presbiterado. Além de ser, também, instrumento para o seu discernimento vocacional ao longo do processo de formação.<sup>205</sup>

Assim, é essencial que a casa de formação não seja vivenciada de modo externo e superficial, mas, sim, de um modo interior e profundo. Isto é, com a consciência de uma comunidade especialmente eclesial que revive — diariamente — a experiência do grupo dos Doze unidos a Jesus.

Nesse sentido, a proposta de discipulado de Jesus acontece no caminhar da missão, no qual aprende do Mestre um novo modo de viver, de amar e de servir. No decorrer do peregrinar, e do convívio com o Senhor, o discípulo vai se configurando ao Cristo passando a pensar, sentir e agir conforme seus ensinamentos. Nesse sentido, o discipulado não implica em ser apenas um aluno, mas, sim, estar intimamente ligado àquele que chamou. Assim sendo, a formação se dá por um caminho a ser traçado, o qual, nos dias atuais, não termina com a conclusão de uma etapa, mas continua de forma permanente.

---

<sup>204</sup> CNBB, 2019, p. 70; Doc. 110, 118, grifo do autor.

<sup>205</sup> PATERMANN, 2017, p. 59.



### 3 PRESBÍTERO: CHAMADO A SER DISCIPULO HOJE

Tendo caracterizado a identidade do discipulado e compreendido o processo formativo do candidato ao presbiterado será exposta, nesse capítulo, a importância de o presbítero — em seu ministério sacerdotal — assumir essa bela missão de seguir, mais perto, a pessoa de Jesus. Tratar-se-á da necessidade da formação permanente bem como algumas qualidades da pessoa do presbítero.

#### 3.1 CONTINUAR O CAMINHO: FORMAÇÃO PERMANENTE

Como visto no capítulo anterior desta pesquisa, com o objetivo de seguir os passos do Mestre Jesus, o formando é chamado a percorrer o caminho de configuração. E, neste caminho, a casa formativa é o lugar que permite uma formação mais personalizada, mais evangélica, onde formando e formadores têm a oportunidade de fazerem a experiência do discipulado.<sup>206</sup>

A formação não se encerra na conclusão de uma etapa, ela se estende ao longo de toda vida. Após a ordenação, o sacerdote é convidado, pela Igreja, a abrir-se à formação permanente. Trazendo para a realidade atual, tal perspectiva surge como sinal de contradição à cultura do descarte e do provisório. A formação inicial é de extrema importância, uma vez que torna o futuro presbítero “[...] não somente dócil, mas dócil [sic], inteligente e ativamente disponível a deixar-se formar durante toda a vida [...]”.<sup>207</sup>

No caminhar do discernimento vocacional, é necessário que o futuro presbítero tenha a consciência de que a formação presbiteral deve ser “[...] única, integral, comunitária e missionária”.<sup>208</sup> Ou seja, trata-se de um caminho que busca educar o candidato ao presbiterado à verdade do próprio ser, à liberdade e ao domínio de si, visando a superação do individualismo dando lugar à dedicação aos outros.<sup>209</sup>

---

<sup>206</sup> MORO, Celito. **A formação presbiteral em comunhão para a comunhão:** perspectivas para as casas de formação. Aparecida: Santuário, 1997. p. 218.

<sup>207</sup> CENCINI, Amadeo. **A árvore da vida:** proposta de modelo de formação inicial e permanente. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 12-13.

<sup>208</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 16; RFIS 3.

<sup>209</sup> CNBB, 2019, p. 42; Doc. 110, 56.

Para que isso seja efetivado, é necessário que o seminarista procure amadurecer em todas as dimensões propostas pela formação inicial, em vista de uma formação integral e de comunhão sendo que Cristo deve ser sempre o modelo. Ele “[...] é a estatura, o padrão, a plenitude para onde a formação deve levar o formando”.<sup>210</sup> Ao assimilar-se com Cristo, o presbítero torna-se, de acordo com Viana, uma pessoa “[...] humanamente integrada, um místico no meio do povo, um doutor nas coisas humanas e divinas, um irmão universal e um pastor missionário”.<sup>211</sup>

Em seu *Discurso à Plenária da Congregação para o Clero*, proferida na sala Clementina, no dia 04 de maio de 2014, o Papa Francisco fala da importância de olhar para a formação não como um gesto unilateral, onde alguém transmite noções teológicas ou espirituais. Ao contrário, ele convida a olhar a formação num sentido de assimilação da pessoa de Jesus. Para ele,

[...] formação conferida por Cristo aos seus discípulos teve lugar através de um *ven e segue-me! Faz como Eu!*: este é o método que ainda hoje a Igreja quer aplicar aos seus ministros. A formação de que falamos é uma experiência de discipulado, que aproxima a Cristo e permite conformar-se cada vez mais com Ele.<sup>212</sup>

Posto isso, a formação permanente deve ser vista como uma “[...] continuação natural e absolutamente necessária daquele processo de estruturação da personalidade presbiteral, que se iniciou e desenvolveu no seminário [...]”.<sup>213</sup> Além disso, é preciso

[...] manter vivo um geral e integral processo de contínuo amadurecimento, mediante o aprofundamento, quer de alguma das dimensões da formação, [...] quer da sua íntima e viva conexão

---

<sup>210</sup> VIANA, 2013, p. 102.

<sup>211</sup> VIANA, 2013, p. 105.

<sup>212</sup> FRANCISCO. **Discurso à plenária da Congregação para o Clero**. Sala Clementina, 03 out. 2014. Não paginado, grifo do autor. Disponível em: < [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco\\_20141003\\_plenaria-congregazione-clero.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141003_plenaria-congregazione-clero.html)>. Acesso em: 06 maio 2021.

<sup>213</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 186; PDV 71.

específica, a partir da caridade pastoral e em referência a ela.<sup>214</sup>

Parafraçando o Papa Francisco, a formação enquanto discipulado está vinculada à vida inteira do presbítero e refere-se à sua pessoa na sua totalidade. Assim sendo, há uma distinção entre a formação inicial e permanente, pois exigem tempos e modalidades diversas. Porém, representam as duas metades de uma única realidade, a vida do discípulo presbítero, apaixonado pelo seu Amado e constantemente no seu seguimento.<sup>215</sup> A formação permanente, assim, auxilia o presbítero a estar aberto e disponível à ação do Espírito Santo que o leva a plasmar-se com Cristo Bom Pastor.<sup>216</sup>

Em tese, a formação permanente conduz o presbítero ao amadurecimento da consciência de que seu ministério é, em última instância, responsável por reunir, na fraternidade e pela caridade pastoral, a família de Deus e levá-la ao Pai por meio de Cristo, na ação do Espírito Santo.<sup>217</sup> Antes, porém, é necessário que toda evangelização — finalidade específica da vocação — comece primeiramente a partir do *ser* e, depois traduz-se para o *agir*. Nesse sentido, o presbítero é convidado a estar unido numa fraternidade sacramental e de comunhão entre os irmãos de presbitério e com o seu Bispo.<sup>218</sup>

Na homilia da missa com o rito de ordenação presbiteral, proferida pelo Sumo Pontífice, no dia 25 de abril de 2021 na Basílica Vaticana, Francisco, dirigindo aos ordenandos, falou da importância de seguir os passos de Jesus. Ele exorta aos ordenandos sobre a importância da proximidade, elencando quatro tipos de proximidades, a saber: a proximidade com Deus; a proximidade com o Bispo; a proximidade com os irmãos de presbitério; e a proximidade com o povo de Deus.<sup>219</sup> Além de mencionar a importância da proximidade, o Santo Padre também

---

<sup>214</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 187; PDV 71.

<sup>215</sup> FRANCISCO, 2014, não paginado.

<sup>216</sup> CNBB, 2019, p. 181; Doc. 110, 357.

<sup>217</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2007. p. 491-538. p. cit. 502; PO 6.

<sup>218</sup> FRANCISCO, 2014, não paginado, grifo do autor.

<sup>219</sup> FRANCISCO. **Homilia da Santa Missa com ordenações**. Basílica Vaticana, 25 abr. 2021. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-fra\\_ncesco\\_20210425\\_omelia-ordinazioni-sacerdotali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-fra_ncesco_20210425_omelia-ordinazioni-sacerdotali.html). Acesso em: 06 maio 2021.

reforçou sobre a compaixão e a ternura que devem estar presente na vida de todo sacerdote.<sup>220</sup> Não qualquer compaixão e ou qualquer ternura, mas aquela que brota do coração de Jesus; só assim, os presbíteros conseguirão serem, de fato, seres de comunhão.

### 3.2 UM SER DE COMUNHÃO NO MODELO DA TRINDADE

São João Paulo II, em sua Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, convida os cristãos a “[...] fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão”.<sup>221</sup> Esse desejo de que todos fossem um em plena comunhão, vem do próprio Cristo quando o mesmo roga ao Pai dizendo:

Não rogo somente por eles, mas pelo que, por meio de sua palavra crerão em mim: afim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós. Eu lhes dei a glória que me destes para que sejam um, como nós somos um: Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim.<sup>222</sup>

Nessa experiência de entrega de um Deus que é amor está fundado o mistério de comunhão a ser vivenciado por todos os cristãos. De acordo com Moro, “[...] Jesus vê na comunhão dos cristãos entre si o reflexo e a misteriosa participação na vida íntima do amor da Trindade”.<sup>223</sup> Trazendo para o contexto da vida presbiteral essa relação deve ser mais intensa uma vez que são chamados a seguir os passos do Mestre Jesus.

De acordo com a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, como toda e qualquer identidade cristã, a identidade sacerdotal encontra, na Trindade, a sua própria fonte. Em virtude da consagração que recebeu pelo sacramento da Ordem, o presbítero é inserido em uma relação particular e específica com Deus Pai, com o Filho e com o Espírito Santo.<sup>224</sup> Em outras palavras, o presbítero

[...] está em relação essencial com o mistério do amor salvífico do Pai (Cf. Jo 17,6-9; 1Cor 1,1;

---

<sup>220</sup> FRANCISCO, 2021, não paginado.

<sup>221</sup> JOÃO PAULO II, 2001, não paginado; NMI 43, grifo do autor.

<sup>222</sup> Jo 17, 20-23.

<sup>223</sup> MORO, 1997, p. 61.

<sup>224</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 33; PDV 12.

2Cor 1,1), com o ser sacerdotal de Cristo, que acolhe e chama pessoalmente o seu ministro para estar com Ele (Cf Mc 3,15) e com o dom do Espírito (Jo 20,21), que comunica ao sacerdote a força necessária para dar a vida a uma multidão de filhos de Deus, convocados para o único corpo eclesial e encaminhados para o Reino do Pai.<sup>225</sup>

Então, é correto afirmar que a Trindade Santa é quem convida, impulsiona e orienta a vida e a missão do presbítero. Assim, de acordo com Vitor Galdino Feller, “[...] graças à fundamentação trinitária de seu ser e agir, o presbítero é, por excelência, ministro da comunhão”.<sup>226</sup> Feller, ao refletir sobre a espiritualidade de comunhão, mostra o eixo da mística presbiteral que se fundamenta na Trindade. Para isso, ele coloca a pessoa do presbítero diante das Três Pessoas da Trindade.

Diante de Deus Pai, o presbítero aprende o significado mais profundo da paternidade que é, ao mesmo tempo, misericordioso e onipotente. O Pai é misericordioso porque ama o ser humano até o ponto de doar seu próprio Filho para salvação da humanidade e os acompanham com seu amor. É onipotente pois sua força é marcada por uma liberdade amorosa e paterna.<sup>227</sup> Diante do exercício de seu ministério, o presbítero é chamado, em seu ser e agir “[...] refletir o rosto misericordioso e onipotente do Pai que está nos céus”.<sup>228</sup>

Feller reflete — ainda — que a paternidade do presbítero não está apenas relacionada ao seu ofício sacramental, mas também no sentido afetivo da presença, do cuidado amoroso que os mesmos recebem de Deus Pai e que devem transmitir àquelas almas que lhes foram confiadas. Contudo, para que isso se efetive, é necessário que os presbíteros tenham a mesma espiritualidade de Cristo na qual fundamenta toda a sua vida no Pai.<sup>229</sup>

Como discípulos de Jesus, os presbíteros são chamados ao amor, à misericórdia, ao carinho, à ternura com todos, em especial, com os últimos deste mundo. Além disso, devem exercer a sua profecia diante de tantas injustiças presentes no mundo de hoje. Somente tendo a consciência de estar diante de Deus Pai é que o presbítero conseguirá

---

<sup>225</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2013, não paginado; DMVP 4.

<sup>226</sup> FELLER, 2013, p. 46.

<sup>227</sup> FELLER, 2013, p. 51.

<sup>228</sup> FELLER, 2013, p. 52.

<sup>229</sup> FELLER, 2013, p. 52-54.

superar as tentações presentes na modernidade que podem afetar a sua vida e missão.

Diante da pessoa de Jesus, o presbítero é, segundo Feller, “[...] por excelência, configurado a Jesus Cristo, o Filho eterno do Pai, que quis ser Deus conosco, entre nós, um de nós”.<sup>230</sup> Contemplando Jesus na sua maneira de cumprir sua missão de enviado do Pai, o presbítero é chamado a tornar-se discípulo Dele, isto é fazer do evangelho a sua regra de vida e a fonte de sua ação pastoral.<sup>231</sup>

Na Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, São João Paulo ensina que:

*Jesus Cristo é a Cabeça da Igreja, Seu Corpo. É Cabeça no sentido novo e original de ser servo, segundo as suas próprias palavras: O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida em resgate de todos”* (Mc 10,45). O serviço de Jesus atinge a plenitude na cruz, ou seja, com o dom total de si mesmo, na humildade e no amor [...]. A autoridade de Jesus Cristo Cabeça coincide, portanto, com o seu serviço, o seu dom, a sua entrega total, humilde e amorosa pela Igreja. [...] É a partir deste preciso tipo de autoridade, quer dizer, do serviço à Igreja, que a existência espiritual de todos e cada um dos sacerdotes é animada e vivificada, exatamente como exigência da sua configuração a Jesus Cristo Cabeça e Servo da Igreja.<sup>232</sup>

Diante da pessoa de Jesus, o presbítero aprende o verdadeiro sentido do serviço. De acordo com a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, a formação permanente, em seu significado mais profundo, “[...] tende a ajudar o padre a *ser* e a *fazer o padre* no espírito e segundo o estilo de Jesus, Bom Pastor”<sup>233</sup> Trazendo para um contexto eclesiológico, São João Paulo II considera o significado mais profundo da formação permanente do sacerdote em referência à sua presença e ação na Igreja Mistério, Comunhão e Missão.

---

<sup>230</sup> FELLER, 2013, p. 56-57.

<sup>231</sup> GUERRE, René. **Espiritualidade do sacerdote diocesano**. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 26.

<sup>232</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 55-56; PDV 21, grifo do autor.

<sup>233</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 193; PDV 73, grifo do autor.

Na Igreja *Mistério*, o presbítero é chamado a ser “[...] ministro de Cristo e administrador dos mistérios de Deus”.<sup>234</sup> Dentro da Igreja *Comunhão*, o sacerdote é convidado a amadurecer a consciência de que seu ministério está ordenado a “[...] reunir a família de Deus como fraternidade animada pela caridade e a conduzi-la ao Pai por meio de Cristo, no Espírito Santo”.<sup>235</sup> Quanto à Igreja *Missão*, a formação permanente faz crescer a consciência da participação do presbítero na missão da Igreja.<sup>236</sup>

Além de Cabeça, Servo e Pastor da Igreja, o presbítero — diante da pessoa de Jesus — é chamado a viver a esponsalidade de Cristo. Ou seja, é chamado a ser esposo e amar a Igreja da mesma forma que o próprio Cristo a amou: “*Amou a Igreja e se entregou a si mesmo por ela*”.<sup>237</sup> De acordo com o *Diretório para o Ministério e Vida do presbítero*, os presbíteros deverão viver a sua fidelidade perante sua Esposa tornando operante a multiforme doação de Cristo à sua Igreja dando-se quotidianamente a sua própria vida.<sup>238</sup> É no dia-a-dia que o presbítero é chamado a vivenciar o amor de Cristo, configurando-se a Ele e, assim, entregar-se e amar à sua Esposa que é a Igreja.

Diante da pessoa do Espírito Santo, o presbítero é chamado a estar aberto e a relacionar-se constantemente. De acordo com Feller, o presbítero, na ordem do ser e da graça é “[...] ungido pelo Espírito Santo para ser outro Cristo”.<sup>239</sup> Segundo o *Diretório para o Ministério e a Vida do presbítero*, o presbítero em sua ordenação “[...] recebeu o selo do Espírito Santo, que fez dele um homem assinalado com o caráter sacramental a fim de ser, para sempre, ministro de Cristo e da Igreja”.<sup>240</sup>

Agindo *in persona Christi*, o presbítero torna-se dispensador das ações salvíficas transmitindo as verdades necessárias para a salvação e, também, apascenta o Povo de Deus conduzindo-os à santidade.<sup>241</sup> Essa vida em Cristo só acontece se o presbítero agir mediante o Espírito Santo. Nesse sentido, é de suma importância que o presbítero busque, constantemente, a presença do Paráclito, uma vez que, sem Ele, o ministério presbiteral torna-se estéril. Assim, ao anunciar a Palavra de

<sup>234</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 194; PDV 73, grifo do autor.

<sup>235</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 195; PDV 74, grifo do autor.

<sup>236</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 200; PDV 75, grifo do autor.

<sup>237</sup> Ef 5,23, grifo nosso.

<sup>238</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2013, não paginado; DMVP 14.

<sup>239</sup> FELLER, 2013, p. 65.

<sup>240</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2013, não paginado; DMVP 9.

<sup>241</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 41; PDV 15.

Deus, ao administrar os sacramentos e ao guiar a comunidade, o presbítero, por obra do Espírito, gera o Filho no meio da comunidade e no coração de todos que dela participam.<sup>242</sup>

Por intermédio de seu caráter sacramental, o presbítero está sempre em comunhão com o Espírito Santo na celebração dos sacramentos. Como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*, “[...] é Cristo que age pelo Espírito Santo para a Igreja”.<sup>243</sup> No itinerário da formação permanente, é necessário que o presbítero tenha a consciência de que ele é apenas um instrumento da graça de Deus. Assim, somente uma vida pautada no Espírito, é que o levará a uma “[...] verdadeira unidade de seu ser e agir, uma unidade que supere o vício da uniformidade, do institucionalismo e do funcionalismo”.<sup>244</sup> Além disso, uma vida pautada no Espírito leva-o a buscar “[...] a beleza da diversidade, a riqueza de seu interior e de seu agir exterior, evitando todo risco de individualismo, fragmentação e anarquia”.<sup>245</sup>

Por fim, é através da comunhão com o Espírito Santo que o sacerdote encontra a força para guiar aquelas almas que lhes foram confiadas e mantê-las na unidade querida pelo próprio Senhor.<sup>246</sup> Assim, a oração do presbítero no Espírito Santo pode ser modelada pela oração sacerdotal de Jesus Cristo.<sup>247</sup> Em todas as suas orações e ações, além de alimentar-se interiormente, deve rezar pela unidade dos fiéis, para que todos sejam um, a fim de que o mundo creia que o Pai enviou o Filho para a salvação de todos. Em tese, essa relação de amor deve ser vivida íntima e pessoalmente pelo sacerdote, em diálogo de adoração e amor com as Três Pessoas divinas e, com a consciência de que o dom que ele recebeu, lhe foi dado para o serviço de todos.

### 3.3 ESPIRITUALIDADE PRESBITERAL

Em época marcada pelo fenômeno da globalização cresce a necessidade de todo cristão observar e discernir os sinais dos tempos. O presbítero não é alguém fora da realidade humana, mas, como todos os cristãos, vive no mundo secular.

---

<sup>242</sup> FELLER, 2013, p. 67.

<sup>243</sup> CATECISMO..., 2000. p. 315-316; CIC 1120.

<sup>244</sup> FELLER, 2013, p. 73.

<sup>245</sup> FELLER, 2013, p. 73.

<sup>246</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 505; PO 6.

<sup>247</sup> Jo 17, 20-23.



De acordo com o *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*, o presbítero “[...] não nasce da história, mas da vontade imutável do Senhor”.<sup>248</sup> Entretanto, ele está sujeito aos confrontos que as circunstâncias históricas vão lhe apresentando ao longo de sua vivência presbiteral. De acordo com o *Documento de Aparecida*, “[...] um olhar para o nosso momento atual nos mostra situações que afetam e desafiam a vida e o ministério de nossos presbíteros”.<sup>249</sup> Dentre tantos desafios, o mesmo documento apresenta três, a saber: a identidade teológica do ministério presbiteral; a inserção do presbítero na cultura atual; e, também as situações que incidem sobre a existência dos presbíteros (aspectos vitais e afetivos).

Diante do primeiro desafio apresentado pelo *Documento de Aparecida*, o Concílio Vaticano II com a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, apresenta o sacerdócio ministerial a serviço do sacerdócio comum dos fiéis na qual, cada um, mesmo que de maneira diferente, participa do único sacerdócio de Cristo.<sup>250</sup> O presbítero deve ter a consciência de que ele não é apenas um delegado ou um mero representante da comunidade, antes disso, é, pela unção do Espírito e por sua especial união com Cristo, um dom para ela.<sup>251</sup>

O segundo desafio trata da inserção do presbítero na cultura atual. A presente cultura, de acordo com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, é marcada pela dissolução da concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com seu próprio Criador. Além disso, há uma grande valorização da subjetividade, enfraquecendo os vínculos comunitários. As relações humanas estão sendo consideradas como um objeto de consumo, perdendo o valor do compromisso com o próximo.<sup>252</sup> É neste contexto que o presbítero é chamado a exercer seu

---

<sup>248</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2013, não paginado; DMVP 45.

<sup>249</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 96; DAp. 192.

<sup>250</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2007. p. 115; LG 10.

<sup>251</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Instrução o presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial**. Roma: 2002. Não paginado; 2. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_cclergy\\_doc\\_20020804\\_istruzione-presbitero\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20020804_istruzione-presbitero_po.html). Acesso em: 31 maio 2021.

<sup>252</sup> FRANCISCO, 2013, p. 41; EG 53.

ministério, conhecendo a realidade para, assim, poder semear a semente do Evangelho.<sup>253</sup>

O terceiro desafio apresentado pelo *Documento de Aparecida* refere-se aos aspectos vitais e afetivos do presbítero. Diante desse desafio, a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* pede aos presbíteros que tenham uma intensa vida espiritual fundada na caridade pastoral, onde — no contato diário com o povo que lhe foi confiado — aumente a sua sensibilidade humana diante da escuta dos sofrimentos, alegrias, angústias e dor de tantas pessoas.<sup>254</sup>

Diante dos desafios apresentados pelo *Documento de Aparecida*, cresce, ainda mais, a necessidade de o presbítero enraizar-se na Santíssima Trindade para não cair na tentação de se *contaminar* com tantas ofertas presentes na atual sociedade. Em tal perspectiva, o presbítero, sendo um homem de Deus, precisa, mais que qualquer cristão, “[...] crescer em intimidade e união com Ele até chegar à *plenitude de Cristo* Mestre, Sacerdote e Pastor”.<sup>255</sup>

De acordo com a Congregação para o Clero na Instrução *O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*, a espiritualidade sacerdotal exige que o presbítero respire um clima de “[...] proximidade ao Senhor Jesus, de amizade e encontro pessoal, de missão ministerial *compartilhada*, de amor e serviço à sua Pessoa na *pessoa* da Igreja, seu Corpo, sua Esposa”.<sup>256</sup> Isto posto, apresentar-se-ão alguns elementos essenciais que auxiliam o presbítero a viver sua missão neste mundo. Dentre tantos cabe destacar os três múnus da missão do presbítero: Profeta (homem da Palavra), Sacerdote (homem da Eucaristia) e Pastor (homem da Caridade) tendo a oração como fonte de sua missão.

### 3.3.1 Homem da oração

No mundo hodierno, marcado pelo acentuado aceleração do tempo, o presbítero, por conta de suas numerosas atividades pastorais, corre o risco de cair num crescente ativismo fazendo com que não tire mais um tempo para ficar com Senhor. Diante dessa realidade é

---

<sup>253</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 96; DAp. 194.

<sup>254</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 188; PDV 72.

<sup>255</sup> VIANA, 2013, p. 121, grifo do autor.

<sup>256</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2002, não paginado, grifo do autor.

necessário não esquecer que a intenção primeira de Cristo foi a de chamar discípulos pra que estivessem com Ele.<sup>257</sup>

O Papa emérito Bento XVI, em sua homilia da santa missa crismal proferida na quinta-feira santa, no dia 28 de março de 2008, alertava sobre a importância de renovar o *sim* que os presbíteros deram no dia de sua ordenação. Ainda nesta homilia, Bento XVI exortava dizendo que “[...] ninguém está tão próximo do seu Senhor como o servo que tem acesso à dimensão mais privada da sua vida”.<sup>258</sup> Tais palavras chamavam a atenção dos presbíteros sobre a importância da proximidade que exige familiaridade com Aquele que o chamou. Contudo, alertava, também, para o perigo do *acostumar-se*.

Para evitar que o presbítero se acostume com o Senhor, o mesmo Bento XVI, na homilia da santa missa crismal, na quinta-feira santa do ano seguinte (2009), fala sobre a importância de estabelecer uma amizade com Jesus por meio da oração. De acordo com ele, a oração é a forma com que o presbítero exercita sua amizade com Jesus e também aprende a conhecê-lo. Nas palavras do Papa emérito, rezar é

[...] fazer estrada em comunhão pessoal com Cristo, expondo diante d’Ele a nossa vida diária, os nossos sucessos e os nossos falimentos, as nossas fadigas e as nossas alegrias: é simplesmente apresentarmo-nos a nós mesmos diante d’Ele.<sup>259</sup>

Nesta perspectiva, é necessário aproximar-se do Senhor, conhecer para amar como dizia santo Agostinho: “[...] nenhum homem estudioso e nenhum curioso ama o desconhecido”.<sup>260</sup> Essa frase do hiponense deve se fazer carne no coração de cada presbítero, uma vez que ele é chamado a dar continuidade na missão de Jesus, no meio da Igreja.

---

<sup>257</sup> Mc 3,14.

<sup>258</sup> BENTO XVI. **Homilia da Santa Missa Crismal**. Vaticano, 20 mar. 2008. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080320\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080320_messa-crismale.html). Acesso em: 07 jun. 2021.

<sup>259</sup> BENTO XVI. **Homilia da Santa Missa Crismal**. Vaticano, 09 abr. 2009. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20090409\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090409_messa-crismale.html). Acesso em: 07 jun. 2021.

<sup>260</sup> AGOSTINHO. **A Trindade**. Trad. Augustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995. p. 314; *De Trin.* X,2,4.

Diante disso, a oração, como diz Paulo Sérgio Carrara, em seu livro *Presbítero: discípulo do Senhor e pastor do rebanho*, deve ser o centro na construção de amizade com o Senhor.<sup>261</sup> Assim, torna-se necessário que o cuidado da vida espiritual seja considerado pelo presbítero um dever na qual infunde alegria, pois estará conhecendo cada vez mais o seu Amado. Se para o presbítero é um dever, para os fiéis é um direito perceber nos pastores essa comunhão com o Senhor, pois procuram neles, um “[...] *homem de Deus*, o conselheiro, o mediador de paz, o amigo fiel e prudente, o guia seguro em quem as pessoas confiam nos momentos duros da vida”.<sup>262</sup>

Através dessa profunda comunhão é que os fiéis verão, no presbítero, um homem apaixonado e que leva consigo, em seu ser e agir, o amor de Deus. É bebendo da fonte do Amor que o presbítero consegue abastecer-se e, assim, amar os que o Senhor lhes confiou. Além disso, é permanecendo com o Amado que o presbítero encontrará as forças necessárias e os meios para aproximar ou reaproximar os homens e mulheres a Deus.

### 3.3.2 Homem da Palavra

Como visto na subseção anterior, o presbítero é chamado a ter uma relação de proximidade para conhecer, cada vez mais, Aquele que o chamou. Para tal é necessário que a oração seja o centro de sua vida. Nesse caminho de proximidade com o Senhor, a Palavra de Deus é essencial para construir essa relação de amizade. Além de rezá-la, ela deve se tornar carne na vida do presbítero.

De acordo com o Decreto *Presbyterorum Ordinis*, “[...] o povo de Deus é reunido antes de tudo pela palavra de Deus vivo, que é justíssimo esperar receber da boca dos sacerdotes”.<sup>263</sup> Os presbíteros, como cooperadores do bispo, tem como missão anunciar o Evangelho a todos, cumprindo, assim, o mandato do próprio Cristo: “*Ide por todo mundo, pregai o Evangelho a todas as criaturas*”.<sup>264</sup> Assim, o presbítero é chamado a ser o canal pelo qual a Palavra é transmitida para os fiéis.

Na função de ser canal da Palavra de Deus, é preciso que o presbítero tenha a consciência de que ele não é dono da Palavra, mas

---

<sup>261</sup> CARRARA, 2019, p. 54.

<sup>262</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2013, não paginado; DMVP 50, grifo do autor.

<sup>263</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 497; PO 4.

<sup>264</sup> Mc 16,15, grifo nosso.

servo. Diante disso, a Congregação para o Clero na Instrução *O presbítero pastor e guia da comunidade paroquial* afirma que o sacerdote é

[...] ministro da palavra evangelizadora, que convida todos à conversão e à santidade; é ministro da palavra cultural, que exalta a grandeza de Deus e dá graças pela sua misericórdia; é ministro da palavra sacramental, que é fonte eficaz de graça.<sup>265</sup>

Nesta missão de ser homem da Palavra é de suma importância ressaltar que, antes de ser anunciador da Palavra, o presbítero deve — primeiramente — torná-la presente em sua vida.<sup>266</sup> Diante disso, o papa emérito Bento XVI afirma que

[...] devemos ser pessoas que têm familiaridade com a Palavra de Deus, a amam e a vivem: só então poderemos explicar de maneira adequada. *Servir o Senhor* o serviço sacerdotal significa precisamente então aprender a conhecer o Senhor na sua Palavra e fazê-Lo conhecer a todos os que Ele nos confia.<sup>267</sup>

Diante do contexto atual, marcado pelas rápidas transformações, os presbíteros são chamados a mergulharem ainda mais na Palavra de Deus. Em uma época marcada pelo acentuado relativismo cultural, pelo subjetivismo, pela cultura do descarte, é necessário que o Evangelho seja apresentado com clareza e profundidade, possibilitando os fiéis a uma verdadeira mudança de vida. Para tanto, de acordo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em seu Subsídio Doutrinal denominado *Presbítero, anunciador da Palavra de Deus, educador da fé e da moral da Igreja*, é necessário que o presbítero “[...] se consagre ao ministério da Palavra e se apegue a ela, para não se tornar anunciador vazio de uma Palavra que não foi escutada nem interiorizada”.<sup>268</sup>

---

<sup>265</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2002, não paginado; 9.

<sup>266</sup> NORIEGA, Roberto. **Ministério sacerdotal**: a responsabilidade ética na arte de servir. Trad. Oscar Ruben Lopez Maldonado. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 266.

<sup>267</sup> BENTO XVI, 2008, não paginado, grifo do autor.

<sup>268</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Presbítero**: anunciador da Palavra de Deus, educador da fé e da moral da Igreja. Brasília: CNBB, 2010. p. 43; Doc. 5,70.

Quando não meditada e não interiorizada na vida do presbítero, corre o risco de o anúncio da Palavra ser estéril. Para que a semente da Palavra dê fruto, na vida das pessoas e do próprio presbítero, a transmissão deve ser autêntica, sem nenhuma falsificação ou duplicidade.

Diante disso a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* afirma que o presbítero deve ser o “[...] primeiro *crente* na Palavra, com plena consciência de que as palavras do seu ministério não são suas, mas daquele que o enviou”.<sup>269</sup> Quanto mais próximo da Palavra de Deus, mais o presbítero conforma a sua vida com a do Mestre. Assim, toma consciência do seu lugar na edificação do Reino de Deus.

Por isso, o presbítero é chamado a ser esse homem do testemunho. Seu *ser* e o seu *agir* devem estar em perfeita conformidade. Em outras palavras, seus gestos e suas ações devem ser cada vez mais uma transparência do Evangelho.<sup>270</sup> É “[...] só *permanecendo* na Palavra, é que o presbítero se tornará perfeito discípulo do Senhor”.<sup>271</sup>

Dom Manoel Delson, Arcebispo da Paraíba, em sua homilia na missa de ordenação, proferida no dia 20 de junho de 2018, refletia sobre o que o povo esperava daqueles que seriam ordenados. Para ele, o povo espera que os presbíteros sejam homens piedosos, cheios do Espírito santo. Presbíteros que “[...] devem se encher do anúncio de Cristo, fazer primeiro a experiência da Palavra transformadora de Deus para depois comunicá-las aos homens e mulheres”.<sup>272</sup>

Por fim, como afirma São Paulo na *Segunda Carta aos Coríntios*, “[...] não proclamamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, Senhor [...] Foi ele mesmo quem reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo”.<sup>273</sup>

<sup>269</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 69; PDV 26, grifo do autor.

<sup>270</sup> BIANCHI, Enzo. **Aos presbíteros**. Trad. Paulo Ricardo de Azevedo. Magnano: Qiqajon, 2004. p. 4. Disponível em: <<https://www.presbiteros.org.br/storage/2010/08/Enzo-Bianchi-Aos-Presb%C3%ADteros.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2020.

<sup>271</sup> BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***. Roma: 2010. Não paginado; VD 80, grifo do autor. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20100930\\_verbum-domini.html#A\\_palavra\\_de\\_Deus\\_na\\_vida\\_ecclesial\\_%2080](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html#A_palavra_de_Deus_na_vida_ecclesial_%2080)>. Acesso em: 9 jun. 2021.

<sup>272</sup> DELSON, Manoel. **O sacerdote é o homem da Palavra**. CNBB, 2018. Não paginado. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/o-sacerdote-e-o-homem-da-palavra/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

<sup>273</sup> 2Cor 4,5-6.

Portanto, é sendo fiel àquilo que se anuncia que o presbítero descobre, em maior profundidade, o valor de ser pastor do povo de Deus.

### 3.3.3 Homem da Eucaristia

Se o serviço da Palavra de Deus é elemento necessário do exercício do ministério presbiteral, o coração e o centro vital são constituídos pela Eucaristia. De acordo com o *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros* a Eucaristia é o “[...] princípio, meio e fim do ministério sacerdotal”<sup>274</sup>, pois todos os ministérios eclesiais e as obras do apostolado estão unidos e são ordenados para Ela.<sup>275</sup>

De acordo com o Decreto *Presbyterorum Ordinis* “[...] Deus, que é o único santo e santificador, quis unir a si homens, que servem humildemente a obra de santificação, como companheiros e colaboradores”.<sup>276</sup> Diante disso, o presbítero é chamado a celebrar a Eucaristia meditando constantemente sobre o seu real significado e, assim, fazer de sua vida uma vida eucarística manifestando o amor, cotidianamente.

O Papa Francisco, em sua homilia na Santa missa com ordenações sacerdotais, proferida no dia 12 de maio de 2019, refletia sobre o verdadeiro sentido da ordenação sacerdotal. Após um belo caminho realizado no seminário, na ordenação, os presbíteros são configurados a Cristo Sumo e Eterno Sacerdote, título este que os une no sacerdócio ao seu Bispo, e que os faz pregadores e anunciadores do Evangelho, pastores do povo de Deus e presidentes do culto divino, especialmente do sacrifício do Senhor, a Eucaristia.<sup>277</sup>

Por meio de sua consagração, ele é chamado a dar continuidade à obra santificadora de Cristo, na qual, por meio do exercício do ministério, o sacrifício espiritual dos fiéis torna-se perfeito. Isso acontece pelo fato de que este sacrifício está unido ao sacrifício do próprio Cristo que “[...] através das vossas mãos e em nome da Igreja inteira, é oferecido de modo incruento sobre o altar na celebração dos santos mistérios”.<sup>278</sup>

<sup>274</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2013, não paginado; DMVP 66.

<sup>275</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 500; PO 5.

<sup>276</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 500; PO 5.

<sup>277</sup> FRANCISCO. **Homilia da Santa Missa com ordenações**. Vaticano, 2019. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francisco\\_20190512\\_omelia-ordinazioni-sacerdotali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francisco_20190512_omelia-ordinazioni-sacerdotali.html). Acesso em: 08 jun. 2021.

<sup>278</sup> FRANCISCO, 2019, não paginado.

O vínculo intrínseco que o presbítero é chamado a ter com a Eucaristia provém das próprias palavras de Jesus quando, no cenáculo, diz: “*Fazei isto em memória de Mim*”.<sup>279</sup> O Papa emérito Bento XVI, em sua Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, ao fazer essa relação entre a Eucaristia e o Sacramento da Ordem diz que, ao instituir a Eucaristia, Cristo instituiu, também, o sacerdócio da Nova Aliança. Assim, “[...] ninguém pode dizer *isto é o meu corpo e este é o cálice do meu sangue* senão em nome e na pessoa de Cristo, único sumo sacerdote da Nova e Eterna Aliança”.<sup>280</sup>

Agindo *in persona Christi*, o sacerdote é chamado a ter, em sua mente e em seu coração, a consciência de que ele é, antes de tudo, aquele que serve. De acordo com o Papa emérito Bento XVI, “[...] o que o sacerdote faz naquele momento, na celebração Eucarística, é servir, realizar um serviço a Deus e um serviço aos homens”.<sup>281</sup> Assim, no exercício de seu ministério ele nunca deve colocar-se no centro da celebração eucarística, mas fazer de Jesus Cristo o protagonista de toda ação da Igreja.

Seguindo esse pensamento o cardeal Walter Kasper, em seu livro *Servidores da alegria* diz:

Se o sacerdote diz *in persona Christi* as palavras *isto é meu corpo, este é meu sangue*, deve também encarnar a atitude de Jesus como existência para Deus e para os outros. Deve viver e fazer o que diz, e ser o que faz. Deve não apenas celebrar a eucaristia, mas também vive-la em solidariedade com todos os que carregam fardos e cruzes, seja em sua comunidade e seja em todo mundo.<sup>282</sup>

Infelizmente, diante do contexto da atual sociedade, os presbíteros podem — facilmente — cair na tentação de utilizar do ofício de seu

---

<sup>279</sup> Lc 22,19.

<sup>280</sup> BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis***. Roma: 2007. Não paginado; SCa 23. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20070222\\_sacramentum-caritatis.html#IV.\\_Eucaristia\\_e\\_sacramento\\_da\\_Ordem](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html#IV._Eucaristia_e_sacramento_da_Ordem)>. Acesso em: 08 jun. 2021.

<sup>281</sup> BENTO XVI, 2008, não paginado.

<sup>282</sup> KASPER, Walter. **Servidores da alegria**: existência sacerdotal – serviço sacerdotal. São Paulo: Loyola, 2008. p. 112, grifo do autor.



ministério para sua autopromoção. Há muitos presbíteros que procuram se promover com o sagrado: é o chamado carreirismo. Esquecem das palavras proferidas pelo bispo na sua ordenação que diz:

Recebe a oferenda do povo santo para apresentá-la a Deus. Toma consciência do que vais fazer e põe em prática o que vais celebrar, conformando tua vida ao mistério da cruz do Senhor.<sup>283</sup>

Na presidência da Eucaristia, o presbítero alimenta-se e sacia sua fome com o próprio Cristo para, assim, nutrido pelo Senhor, melhor servir saciando a fome das almas que lhe foram confiadas. Assim, “[...] faz de sua vida um altar, uma cruz, em que entrega suor, esforços e sacrifícios para que outros tenham vida”.<sup>284</sup>

Em suma, o presbítero é chamado a fazer de sua vida uma vida eucarística manifestada no amor ao sacrifício cotidiano, cumprindo o que é próprio do seu ministério. Para isso é necessário emprestar a Cristo todo o seu ser, isto é, sua vontade, sua inteligência, sua voz e suas mãos para, mediante o seu ministério, poder oferecer ao Pai o sacrifício sacramental da redenção. Ou seja, deverá fazer próprias as disposições do Senhor e viver como Ele, sendo um dom para a Igreja.

### 3.3.4 Homem da caridade

Além de ser um homem de oração, da Palavra e da Eucaristia, o presbítero — hoje — é chamado a ser o homem da caridade. Na ordenação presbiteral, os presbíteros tornam-se pastores com Cristo e são chamados a colaborar na missão de Jesus em meio ao povo de Deus. Assim, de acordo com Jorge Manuel da Rocha Nunes,

[...] se pela ordenação fomos feitos pastores com Cristo, temos de nos identificar com as suas intenções e objetivos de Pastor [...] é pela caridade

---

<sup>283</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Pontifical Romano:** ordenação do bispo, dos presbíteros e diáconos. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 131; PR 163.

<sup>284</sup> FELLER, 2013, p. 93.

que nos levará a servir e dar a vida como o Bom Pastor.<sup>285</sup>

De acordo com a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, a caridade pastoral é “[...] o princípio, a virtude que orienta e anima a vida espiritual do presbítero, enquanto configurado a Cristo Cabeça e Pastor”.<sup>286</sup> Em outras palavras, a caridade pastoral é o princípio interior que torna capaz a unificação das diversas atividades pastorais dos presbíteros.

O presbítero, tem a missão de conformar o seu ser e o seu agir à pessoa de Jesus. Isto é, ele convidado a exercer, em suas atividades pastorais, a caridade que brota do coração do Bom Pastor. De acordo com Feller, através de sua caridade pastoral, Cristo “[...] foi um homem de ternura, compaixão e misericórdia [...] deixava-se tocar e seguir por pessoas de todas as condições”.<sup>287</sup> Diante dessa realidade, os presbíteros somente alcançarão a unidade do seu ser e agir se unir a Cristo no conhecimento da vontade do Pai e no dom de si mesmo pelo rebanho que lhe foi confiados.<sup>288</sup>

O dom de si mesmo, que o presbítero é chamado a realizar, tem, como destinatária a Igreja. Assim afirma a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*:

O dom de si à Igreja tem a ver com ela, enquanto Corpo e *Esposa de Jesus Cristo*. Por isso, a caridade do padre se refere primeiramente a Jesus Cristo: só se amar e servir a Cristo Cabeça e Esposo, a caridade se torna fonte, critério, medida, impulso de amor e de serviço do sacerdote para com a Igreja corpo e esposa de Cristo.<sup>289</sup>

Diante do contexto atual, marcado pelas rápidas mudanças, por vezes os presbíteros não conseguem perceber, no cotidiano do seu

---

<sup>285</sup> NUNES, Jorge M. da Rocha. **Espiritualidade sacerdotal ministerial**: o contributo de João Paulo II nas Cartas aos Sacerdotes. 137 p. Dissertação (Mestrado integrado) – Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, Porto, 2011. p. 93.

<sup>286</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 59; PDV 23.

<sup>287</sup> FELLER, 2013, p. 80.

<sup>288</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 522; PO 14.

<sup>289</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 60-61; PDV 23.

ministério presbiteral, um ambiente que lhe seja satisfatório para o cultivo de sua vida espiritual. Em outras palavras, não conseguem unir a sua missão com a missão de Jesus. Diante dessa realidade, para evitar que esteja *disperso no exterior e vazio no interior*, o presbítero precisa estar ontologicamente unido a Cristo, no exercício de seu ministério. Deve ser um homem que conhece Jesus a partir de dentro, que se encontrou com Ele e aprendeu a amá-lo e, neste amor, tornar visível amando aqueles que fora confiados em sua ação pastoral.<sup>290</sup> Assim sendo, como afirma Bento XVI, “[...] o ministério sem espiritualidade, sem vida interior, leva ao ativismo vazio”.<sup>291</sup>

Ao refletir sobre a dinâmica da caridade pastoral, Feller traz a importância de o sacerdote viver o cotidiano de seu ministério pautado no cotidiano de Jesus ne Nazaré. Ele “[...] era centrado em pessoas, nas relações com as pessoas que encontrava no caminho”.<sup>292</sup> Assim como Jesus, o presbítero é chamado a ir ao encontro das pessoas, isto é, exercer o seu ministério numa realidade concreta e, a partir disso e à luz de Cristo, Bom Pastor, oferecer seu ministério, na doação de si mesmo.

Diante dessa realidade, é necessário que o presbítero esteja com o olhar atento e o coração aberto para acolher as pessoas que estão pelo caminho, sobretudo os mais necessitados. Portanto, com a sensibilidade de Jesus, os presbíteros são chamados a buscarem a unidade do seu ser e do seu agir, pautada “[...] no amor pelo povo, no dar a vida por aqueles que Deus pôs em seu caminho”.<sup>293</sup> Assim, servindo a Cristo (unindo-se a ele), à Igreja (sua esposa) e às pessoas (as ovelhas pelas quais é chamado a dar a vida), o presbítero unifica a sua vida (seu ser), tornando-se um homem contemplativo em sua ação pastoral (agir).

### 3.4 PRESBÍTERO: DISCÍPULO-MISSIONÁRIO-PASTOR

Diante do que foi exposto até o presente momento, nesta pesquisa, e observando o contexto atual da sociedade, marcada por diversas transformações, torna-se necessário que o presbítero tenha, cada vez mais, seus olhos fixos e o coração configurado à Cristo, Bom Pastor. Só

---

<sup>290</sup> BENTO XVI. **Compreender a Igreja hoje**: vocação para a comunhão. Trad. Mateus Ramalho Rocha. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 80.

<sup>291</sup> BENTO XVI. **Ministério e vida do sacerdote**. [s.l]: [s.n], 2005. Não paginado. Disponível em: < <http://www.amoranossasenhora.com.br/ministerio-e-vida-do-sacerdote-cardeal-joseph-ratzinger/>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

<sup>292</sup> FELLER, 2013, p. 87.

<sup>293</sup> FELLER, 2013, p. 88.

assim ele conseguirá lutar contra todas as tentações que venham prejudicar sua missão de colaborar na construção e edificação do Reino de Deus.

Frente a realidade presente, todo cristão é chamado a observar e discernir os sinais dos tempos. Desse modo, o presbítero, sendo guia de um povo na pessoa de Jesus deve, por excelência, estar atento àquilo que está acontecendo em sua volta. Isto posto, olhando para os sinais do tempo presente, nunca se falou tanto da necessidade do presbítero, em seu pastoreio, ser discípulo-missionário. Assim afirma o *Documento de Aparecida*:

O povo de Deus sente a necessidade de *presbíteros discípulos*: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de *presbíteros missionários*: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com seu Bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos; de *presbíteros-servidores da vida*: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura e da solidariedade.<sup>294</sup>

Para atender aquilo que o *Documento de Aparecida* propõe aos presbíteros, é necessário que os mesmos tenham o espírito missionário de uma Igreja em saída.<sup>295</sup> Tal espírito deve ser a marca da Igreja na atualidade e os presbíteros, chamados a serem pastores do povo, são os primeiros convocados a sair de si e ir ao encontro do outro.

Contudo, por mais que os presbíteros — chamados a serem discípulos — sejam enviados em missão como mestres, não podem esquecer da dimensão primeira do discipulado: Cristo é o verdadeiro

---

<sup>294</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 98; DAp. 199, grifo nosso.

<sup>295</sup> A Igreja *em saída* é a comunidade de discípulos missionários que *primeireiam* (tomam a iniciativa), que acompanham, que frutificam e festejam, da mesma forma que Jesus Cristo. (FRANCISCO, 2013, p. 21; EG 24).

Mestre.<sup>296</sup> Por isso, são chamados — em seu ser e agir — seguir os passos de Jesus, permanecendo sempre fiel ao serviço da Sua Palavra que são encarregados de anunciar<sup>297</sup> bem como na administração dos sacramentos.

Frente aos novos areópagos e aos desafios do mundo atual, é necessário que o presbítero tenha, de acordo com São João Crisóstomo, em seu livro *Sobre o Sacerdote*, “[...] uma alma heroica para não desanimar”.<sup>298</sup> Neste contexto, é chamado a ser semeador.<sup>299</sup> Porém, antes disso, como visto no item 3.3.2 desta pesquisa, ele deve ser o primeiro a escutar a Palavra, procurar entendê-la e ter um coração aberto para acolhê-la. Reforçando essa ideia Enzo Bianchi diz:

[...] vós somente levareis a Palavra aos outros se fordes levados pela Palavra. [...] que todas as manhãs, como autênticos servos do Senhor, tornei o vosso ouvido atento para escutar como discípulos a Palavra (Is 50,4) [...] para que a Palavra habite em vós (Jo 15,7).<sup>300</sup>

É, em outras palavras, compreender aquilo que Jesus explica na parábola do semeador. O presbítero é chamado a ser a terra boa: aquele que entende a palavra semeada, acolhe e gera frutos. Contudo, para que ele não seja um terreno pedregoso, espinhoso, irregular, incapaz de acolher a semente, “[...] deve ser circunspecto e perspicaz. Deve possuir mil olhos, voltados para todos os lados, porque não vive só para si, mas para uma grande multidão”.<sup>301</sup>

Uma das características de Cristo, Bom Pastor é a de *congregar, reunir as ovelhas ao mesmo redil*.<sup>302</sup> Assim, é imprescindível que o presbítero tenha em sua mente e em seu coração a importância e a necessidade de uma verdadeira conversão pastoral. Ou seja, é importante que, desde a formação inicial, o presbítero seja conduzido a ser —

---

<sup>296</sup> Mt 23,8.10.

<sup>297</sup> At 6,4.

<sup>298</sup> JOÃO CRISÓSTOMO. **Sobre o Sacerdócio**. [s.l]:[s.n], 2021. Não paginado; III,4. Disponível em: < <http://www.cristianismo.org.br/sacerdotio-2.htm>>. Acesso em 10 jun. 2021.

<sup>299</sup> Mt 13,1-19.

<sup>300</sup> BIANCHI, 2004, p. 6-7.

<sup>301</sup> JOÃO CRISÓSTIMO, 2021, não paginado; III,4.

<sup>302</sup> Jo 10,10, grifo nosso.

verdadeiramente — um pastor que preze pela comunhão e unidade. O *Documento de Aparecida* recorda que

A conversão dos pastores nos leva também a viver e promover uma espiritualidade de comunhão e participação, propondo-a como princípio educativo em todos os lugares onde se forma o homem e o cristão [...]. A conversão pastoral requer que as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo, Mestre e Pastor [...]. Hoje, mais do que nunca, o testemunho de comunhão eclesial e de santidade são uma urgência pastoral.<sup>303</sup>

Essa conversão pastoral — que todos os presbíteros estão convocados a realizar — só será possível se tiverem sua vida pautada no mandamento novo: “*Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros*”.<sup>304</sup> Nesta dinâmica do amor, São João Paulo II, em sua Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, diz que “[...] se verdadeiramente contemplamos o rosto de Cristo [...] a nossa pregação pastoral não poderá deixar de inspirar-se ao *mandamento novo* que Ele nos deu”.<sup>305</sup>

Cristo é o modelo no qual todo o presbítero é convidado a buscar seguir em todos os âmbitos de seu ministério, sobretudo, no que se refere à caridade pastoral. Ele é modelo autêntico que sintetiza a dimensão divina com a entrega da vida humana em favor dos outros. Assim, o amor de Cristo, o Bom Pastor, é “[...] o centro unificador de tudo no ministério ordenado. É o fundamento sustentador e a força motivadora para a disposição à entrega e à caridade pastoral”.<sup>306</sup>

Esta dinâmica do amor-doação, de entrega de vida até às últimas consequências<sup>307</sup>, traz presente outra característica de Jesus, Bom Pastor. Faz ecoar o apelo que o Papa Francisco, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, pedindo aos presbíteros que tenham a coragem de

---

<sup>303</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2008, p. 168-169; DAp. 368.

<sup>304</sup> Jo 13,35, grifo nosso.

<sup>305</sup> JOÃO PAULO II, 2001, Não paginado; NMI 42, grifo do autor.

<sup>306</sup> NORIEGA, 2020, p. 266.

<sup>307</sup> Cristo é Aquele que ama até as últimas consequências: “[...] tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.” (Jo 13,1).

*sair de si mesmos e ir ao encontro do outro* para oferecer a vida de Jesus, curar as feridas, dar força, luz, consolação e saciar a fome de tantas pessoas.<sup>308</sup> Desta maneira, o ardente desejo do presbítero pela missão deve ser ainda maior. É buscando no Senhor, na intimidade com o Mestre, tendo os mesmos sentimentos que Ele, que o presbítero anunciará, impulsionado pela força do Espírito Santo, sem cessar o amor do Pai; buscando estar próximo do povo que lhe foi confiado.

Um das tentações do mundo hodierno que podem infiltrar e prejudicar a vida do presbítero é o exclusivismo e o seletismo. Por isso, chamado a se configurar a Cristo, Bom Pastor, o presbítero jamais “[...] deve tornar-se um germe de discórdia na comunidade”.<sup>309</sup> Ele é chamado a percorrer a via da proximidade: de Deus, do bispo, com os irmãos do presbitério e com o povo de Deus. Além da proximidade, a compaixão e a ternura deverão estar presentes em sua vida. É o que o Papa Francisco exorta, na homilia da missa de ordenação, no dia 25 de abril de 2021:

Não fecheis o coração diante dos problemas. E enfrentareis muitos! Quando as pessoas vierem ter convosco para vos contar os problemas e serem acompanhadas... Dedicai tempo para as ouvir e consolar. A compaixão, que te leva ao perdão, à misericórdia. Por favor: sede misericordiosos, sede perdoadores. Pois Deus perdoa tudo, não se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir perdão. *Proximidade e compaixão*. Mas compaixão terna, com aquela *ternura* de família, de irmãos, de pai... com aquela ternura que te faz sentir que estás na casa de Deus.<sup>310</sup>

---

<sup>308</sup> Assim fala o sumo pontífice ao exortar os cristãos, sobretudo os presbíteros em ser, de fato, uma Igreja em saída: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! [...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida, enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida.” (FRANCISCO, 2013, p. 42-43; EG 49).

<sup>309</sup> KASPER, 2008, p. 71.

<sup>310</sup> FRANCISCO, 2021, não paginado, grifo nosso.

Um dos grandes desafios a ser encarado pelos presbíteros é viver com e para os pobres. É um desafio, pois muitos presbíteros, atualmente, enxergam o *ir ao encontro* apenas como uma *prática pastoral*. Contudo, a opção preferencial pelos pobres deve fazer parte do estilo de vida do presbítero uma vez que ele é chamado a viver sua vida de forma modesta e sóbria. Reforçando esta ideia assim afirma Viana:

[...] o pastor-missionário deve ser presença fraterna e animadora junto aos excluídos, lutar por seus direitos fundamentais, anunciar a Boa-Nova da libertação e salvação, construir com eles espaços de solidariedade e partilha de vida, visitar com frequência seus ambientes, cultivar amizades e aprender seus valores como abertura, alegria, humildade e acolhida.<sup>311</sup>

Além disso, o presbítero — como pastor — é chamado, por excelência, *conhecer e indicar* o caminho. Ser capaz de estabelecer uma meta e proporcionar, assim, uma orientação. Deve, pois, saber e — também dizer — que apenas Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida<sup>312</sup> e, que o amor é a estrada real e verdadeira de todo cristão.<sup>313</sup>

Nesse sentido, se um pastor não é capaz de indicar o caminho a ser seguido é como se um cego estivesse guiando outro cego.<sup>314</sup> Por esta razão os presbíteros, a exemplo de Cristo Bom Pastor, são chamados a terem um coração sensível para perceber aqueles que se perderam pelo caminho, aqueles que se encontram à margem e trazê-los de volta com amor e alegria.<sup>315</sup>

Por fim, o presbítero discípulo-missionário de Cristo Bom Pastor, além de ter o seu coração voltado ao serviço dos pobres, fracos,

---

<sup>311</sup> VIANA, 2013, p. 181.

<sup>312</sup> Jo 14,6.

<sup>313</sup> ICor 12,31b.

<sup>314</sup> KASPER, 2008, p.70

<sup>315</sup> Eis o que Cristo diz a respeito do *alegrar-se* com o encontro da ovelha perdida: “Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu, até encontrá-la? E achando-a, alegre a coloca sobre os ombros e, de volta para casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: “*Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida!*” Eu vos digo que do mesmo modo haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrependa, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento. (Lc 15,4-7, grifo nosso).



perseguidos e abandonados, deve fundamentalmente “[...] congregar e manter unido o rebanho. O serviço sacerdotal é um serviço de unidade”.<sup>316</sup> Em suma, o presbítero é chamado a ser hoje: *discípulo-missionário-pastor*. A exemplo do Mestre Jesus, além de ser possuidor das virtudes, ele é chamado a ser guia, determinando a direção àqueles que lhe são confiados; ser amigo; ir ao encontro dos mais necessitados, ter um coração sensível voltado aos mais vulneráveis e marginalizados; ser vigilante e ir ao encontro do outro buscando viver a comunhão e a unidade.

Para superar os desafios da sociedade atual, o presbítero é chamado a ser e a viver autenticamente como discípulo de Jesus. Ele, no dia de sua ordenação torna-se *Alter Christus*, unindo-se profundamente ao Verbo do Pai, assumindo a condição de servo. Assim, como servo de Cristo é necessário assumir em sua vida essa índole relacional: “[...] ele vive *em* Cristo, *por* Cristo e *com* Cristo ao serviço dos homens”.<sup>317</sup> É na caridade pastoral que esse amor por Cristo e aos irmãos se torna visível.

Quanto mais o presbítero ama a Cristo mais ele é capaz de amar aqueles que lhe foi confiados. Portanto, o amor expresso através de seu ser e agir é o grande segredo do exercício do ministério presbiteral frente a um mundo que procura dissolver o caráter relacional das pessoas. Desta maneira, é de viva voz que, chamados a expressar esse amor que vem de Deus, todos os presbíteros deveriam proclamar com sua vida o que Santa Terezinha do Menino Jesus compreendeu em sua existência curta, mas fecunda: “*No coração da Igreja, minha mãe, serei o amor, assim eu serei tudo*”.<sup>318</sup> Aprendendo de Jesus como se ama (discipulado), o presbítero tem a coragem de sair de si (missionário) para ir ao encontro e cuidar daqueles que lhe fora confiados (pastor). Isso só será concreto se, no processo formativo (tanto inicial quanto permanente), o presbítero der abertura para ser transformado pela ação do Amor Trinitário.

---

<sup>316</sup> KASPER, 2008, p. 71.

<sup>317</sup> BENTO XVI. **Audiência Geral**. Vaticano, 24 jun. 2009. Não paginado, grifo do autor. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20090624.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090624.html)>. Acesso em: 10 jun. 2021.

<sup>318</sup> TERESA DE LISIEUX. **História de uma alma**. Trad. Amando Adriano Lochu. 8. ed. São Paulo: LES, 1958. p. 232, grifo nosso.



## CONCLUSÃO

A presente pesquisa propôs apresentar a importância da identidade do discípulo missionário no itinerário formativo do candidato ao presbiterado. Para realizar tal proposta, foi dividida em três capítulos, contendo os objetivos específicos. Tais objetivos e os resultados serão aqui apresentados e evidenciados.

No primeiro capítulo foi caracterizada a identidade do discipulado ao longo da história: os fundamentos bíblico-históricos; os fundamentos teológicos; e os fundamentos eclesiais e pastorais da vocação discipular. Diferentemente dos mestres de sua época, é Jesus quem escolhe os seus discípulos e os convidam a permanecerem com Ele, por isso, o discipulado tem o seu início no encontro com a pessoa de Jesus, passa pela conversão até o seguimento em fidelidade à cruz, dando testemunho da Ressurreição. Uma das preocupações de Jesus foi a adequada formação de seus discípulos e, no decorrer da história, essa preocupação é levada adiante pela Igreja que, movida pelo Espírito Santo, continua chamando e formando novos discípulos, dando continuidade ao mandato do próprio Cristo quando enviou, em missão, os seus para pregarem o evangelho a todos os povos e nações e a toda a criatura.

Nos tempos atuais, o encontro com Jesus pode acontecer de diversas formas: na Sagrada Escritura, na Sagrada Liturgia, na Eucaristia, no Sacramento da Reconciliação, em meio a comunidade viva na fé e no amor fraterno, e, de modo especial nos pobres, aflitos e enfermos. Em suma, a condição do discípulo brota de Jesus Cristo como de sua fonte, pela fé e pelo batismo, e cresce na Igreja, comunidade onde todos os seus membros adquirem dignidade e participam de diversos ministérios e carismas.

Após caracterizar o discipulado, no decorrer da história, o segundo capítulo procurou compreender o processo formativo do candidato ao presbiterado e suas implicações. O candidato ao presbiterado não é alguém desvinculado da realidade. No cumprimento de sua vocação batismal, deve levar em consideração os desafios da atualidade que implicam, fortemente, em sua formação presbiteral. Por isso, diante do contexto da sociedade atual, o candidato ao presbiterado — aquele que é chamado a estar ainda mais perto de Jesus, sumo e eterno sacerdote —, precisa refletir sobre os diversos desafios que afetam a vida e ministério dos presbíteros.

Nesse caminho é necessário um programa formativo que leve o candidato ao presbiterado a uma autêntica formação integral. Ou seja, uma formação que conduza o formando à responsabilidade, à santidade e

a viver como um autêntico discípulo de Jesus cultivando desde já — em seu coração — um coração sacerdotal. Isso só se tornará possível se o candidato der abertura à formação, isto é, acolher os outros dois protagonistas do caminho (formadores e Espírito Santo) e ter presente seus limites e suas qualidades vivenciando, no dia-a-dia, a pedagogia de Jesus (do seguimento) que lhe é possibilitado na casa de formação (seminário).

Se no primeiro capítulo o objetivo foi caracterizar a identidade do discipulado e no segundo compreender o processo formativo do candidato ao presbiterado diante do contexto atual, o terceiro capítulo desta pesquisa expõe a importância da identidade do discípulo de Jesus na vida e no ministério do presbítero. A proposta de discipulado de Jesus acontece no caminhar da missão e, em tal caminho, aprende — do Mestre — um novo modo de viver, de amar e servir. O discipulado não implica em ser apenas um aluno, mas estar intimamente ligado àquele que o chamou, assimilando, assim, o seu estilo de vida e a seu projeto. Por isso, a formação se dá por um caminho a ser traçado, o qual, nos dias atuais, não termina com a conclusão de uma etapa, mas continua de forma permanente.

Nesse permanente caminho formativo, o presbítero é conduzido ao amadurecimento da consciência de que seu ministério é, em última instância, responsável por reunir, na fraternidade e pela caridade pastoral, a família de Deus e levá-la ao Pai, por meio de Cristo, na ação do Espírito Santo. Por isso ele é chamado a ser esse homem de comunhão: com Deus, consigo mesmo e, com os outros, o mistério trinitário é o modelo a ser seguido. Diante de Deus Pai, o candidato aprende o significado mais profundo da paternidade; diante do Filho o presbítero é, por excelência, configurado a Jesus Cristo, o Filho eterno do Pai com o qual aprende a fazer a vontade Dele tornando-se Cabeça, Servo, Pastor e Esposo da Igreja; diante do Espírito Santo, o presbítero é chamado a estar aberto a sua ação, tornando-se dispensador das ações salvíficas transmitindo as verdades necessárias para a salvação e apascentando o Povo de Deus conduzindo-os à santidade.

Frente ao contexto da sociedade atual e dos desafios que podem afetar o ministério do presbítero é necessário que sua vida esteja enraizada em Deus Trindade. Por isso, são chamados a cultivar, em seu dia-a-dia, uma espiritualidade fecunda fazendo com que seu ser e seu agir estejam em plena conformidade e, para isso, é necessário que seja um homem da oração. É através da oração que o presbítero consegue anunciar, com fecundidade, a Palavra de Deus (ser Profeta), agir na

pessoa de Cristo diante do sacrifício eucarístico (ser Sacerdote) e, por fim, fazer de sua vida uma oferta de amor em favor dos irmãos (ser pastor).

Portanto, todas as questões abordadas nesta pesquisa tinham, como objetivo central, apresentar a importância da identidade do discípulo missionário no itinerário formativo. Ao findar desta pesquisa e, passando todos os objetivos específicos, conclui-se que, diante dos desafios da modernidade, o presbítero é chamado a percorrer a via da proximidade e do amor. Quanto mais o presbítero ama a Cristo mais ele é capaz de amar aqueles que lhe foi confiados. Assim sendo, o amor expressado em seu ser e em seu agir é o grande segredo do ministério presbiteral frente a um mundo que procura acabar com o caráter relacional entre as pessoas. Por fim, vivendo como autêntico discípulo de Jesus e aprendendo — com Ele — como se deve amar, é que o presbítero obtém a capacidade de sair de si e ir ao encontro do povo que lhe foi confiado, sobretudo os últimos deste mundo. Para tanto é necessário que o mesmo, desde a sua formação inicial, esteja aberto ao processo formativo permitindo-se transformar pela ação do Amor Trinitário.

Dado que esta pesquisa não esgota o assunto e, em seu desenrolar, mostra-se aberta a outros estudos e questionamentos, este trabalho, mesmo cumprindo a tarefa de responder seu problema e sustentar seu objetivo, não é uma obra que encerra em si todas as possíveis respostas a questões futuras (como por exemplo trabalhar o contexto familiar na vida do vocacionado bem como os problemas psíquicos que afetam o caminho de discernimento vocacional). Possíveis itinerários de pesquisa se dariam de vários modos, desde a expansão do seu objetivo geral, quanto ao aprofundamento dos objetivos específicos.

Diante destas observações e considerações, somos do parecer final que este trabalho foi de grande crescimento e enriquecimento pessoal e vocacional e, finalizando, auguramos que ele seja útil para possíveis consultas de futuros pesquisadores.



## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A Trindade**. Trad. Augustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2018, Vaticano. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: documento final. São Paulo: Paulus, 2019.

BENTO XVI. **Audiência Geral**. Vaticano, 24 jun. 2009. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20090624.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090624.html)>. Acesso em: 10 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Deus Caritas est***. Vaticano: 2005. Disponível em: < [http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html)>. Acesso em: 13 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **Compreender a Igreja hoje**: vocação para a comunhão. Trad. Mateus Ramalho Rocha. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum caritatis***. Roma: 2007. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20070222\\_sacramentum-caritatis.html#IV.\\_Eucaristia\\_e\\_sacramento\\_da\\_Ordem](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html#IV._Eucaristia_e_sacramento_da_Ordem)>. Acesso em: 08 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***. Roma: 2010. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20100930\\_verbum-domini.html#A\\_palavra\\_de\\_Deus\\_na\\_vida\\_ecclesial\\_%2080](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html#A_palavra_de_Deus_na_vida_ecclesial_%2080)>. Acesso em: 9 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Homilia da Santa Missa Crismal**. Vaticano, 20 mar. 2008. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080320\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080320_messa-crismale.html). Acesso em: 07 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Homilia da Santa Missa Crismal**. Vaticano, 09 abr. 2009. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20090409\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090409_messa-crismale.html). Acesso em: 07 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Ministério e vida do sacerdote**. [s.l]: [s.n], 2005. Disponível em: < <http://www.amoranosasenhora.com.br/ministerio-e-vida-do-sacerdote-cardeal-joseph-ratzinger/>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Oração do Santo Rosário e encontro com os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, os seminaristas e os diáconos**. Aparecida, 12 maio 2007. Disponível em: < [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070512\\_rosario-brazil.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070512_rosario-brazil.html)>. Acesso em 08 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe**. Aparecida, 13 maio 2007. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_benxvi\\_spe\\_20070513\\_conferencia-aparecida.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_benxvi_spe_20070513_conferencia-aparecida.html)>. Acesso em 05 maio de 2021.

BIANCHI, Enzo. **Aos presbíteros**. Trad. Paulo Ricardo de Azevedo. Magnano: Qiqajon, 2004. Disponível em: < <https://www.presbiteros.org.br/storage/2010/08/Enzo-Bianchi-Aos-Pres%C3%A0Dteros.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2020.

BÍBLIA de Jerusalém. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

BINGEMER, Maria C. Discípulos de Jesus hoje. In: SOTER e Ameríndia (Org.). **Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe**: novos desafios. São Paulo: Paulinas, 2006.

BLANCO, S. Seguimento. In: RODRÍGUEZ, A. A.; CASAS, J. C. (Orgs.) **Dicionário Teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1997.

BOMBONATTO, Vera I. O seguimento de Jesus e a identidade cristã. **Revista Atualidade Teológica**, PUC Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 311-331, maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34473/34473.PDF>>. Acesso em: 13 fev. 2021.



\_\_\_\_\_. **Seguimento de Jesus**: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002.

CARRARA, Paulo S. **Presbítero**: discípulo do Senhor e pastor do rebanho. Petrópolis: Vozes, 2019.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CENCINI, Amadeo. **A árvore da vida**: proposta de modelo de formação inicial e permanente. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2007.

CÓDIGO de Direito Canônico. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. Decreto *Optatam Totius*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1979, Puebla. **Conclusões da Conferência de Puebla**: evangelização no presente e no futuro da América Latina. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. 7. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas: Paulus, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de Comunidades – uma nova paróquia**: a conversão pastoral da paróquia. São Paulo: Paulinas, 2014.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019**. São Paulo: Paulinas, 2015.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil**. São Paulo: CNBB, 2019.

\_\_\_\_\_. **Presbítero**: anunciador da Palavra de Deus, educador da fé e da moral da Igreja. Brasília: CNBB, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros**. Vaticano: 2013. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_cclergy\\_doc\\_20130211\\_direttorio-presbiteri\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html)>. Acesso em 23 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Instrução o presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial**. Roma: 2002. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_cclergy\\_doc\\_20020804\\_istruzione-presbitero\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20020804_istruzione-presbitero_po.html). Acesso em: 31 maio 2021.

\_\_\_\_\_. **O Dom da vocação presbiteral: *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis***. Brasília: CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Pontifical Romano**: ordenação dos bispos, dos presbíteros e diáconos. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

DA SILVA, José V. F. **Discipulado de Jesus**: compromisso de todos. Abordagem sobre alguns meios para a espiritualidade do seguimento. 78 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

DELSON, Manoel. **O sacerdote é o homem da Palavra**. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/o-sacerdote-e-o-homem-da-palavra/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

DOS SANTOS, Leandro. **O encontro com Jesus Cristo: exigência para o discipulado**. 92 p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

FELLER, Vitor G. **Ser padre hoje**. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

FEUILLET, André. Discípulo. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). **Vocabulário de Teologia bíblica**. Trad. Simão Voigt. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FRANCISCO. **Carta Apostólica *Misericordia et Misera***. São Paulo: Paulinas, 2016.

\_\_\_\_\_. **Carta Apostólica *Patris Corde***. Brasília: CNBB, 2020.

\_\_\_\_\_. **Discurso à plenária da Congregação para o clero**. Sala Clementina, 03 out. 2014. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco\\_20141003\\_plenaria-congregazione-clero.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141003_plenaria-congregazione-clero.html)>. Acesso em: 06 maio 2021.

\_\_\_\_\_. **Discurso aos seminaristas, aos noviços e as noviças provenientes das várias partes do mundo por ocasião do ano da fé**. Sala Paulo VI, 6 jul. 2013. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130706\\_incontro-seminaristi.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130706_incontro-seminaristi.html)>. Acesso em: 25 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Christus Vivit***. São Paulo: Paulinas, 2019.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. 5. ed. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate***. São Paulo: Paulus, 2018.

\_\_\_\_\_. **Homilia da Santa Missa com ordenações**. Vaticano, 2019.

Disponível em:

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-fra-ncesco\\_20190512\\_omelia-ordinazioni-sacerdotali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-fra-ncesco_20190512_omelia-ordinazioni-sacerdotali.html). Acesso em: 08 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Homilia da santa missa com ordenações**. Basílica Vaticana, 25 abr. 2021. Disponível em:

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco\\_20210425\\_omelia-ordinazioni-sacerdotali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210425_omelia-ordinazioni-sacerdotali.html). Acesso em: 06 maio 2021.

GALILEA, Segundo. **Discípulos de Cristo**. Trad. Georges I. Maissiat. São Paulo: Paulus, 1996.

GNILKA, J. **Jesus de Nazaré: mensagem e história**. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUERRE, René. **Espiritualidade do sacerdote diocesano**. São Paulo: Paulinas, 1987.

HUMMES, Cláudio. **Ser discípulos de Cristo: retiro espiritual do Papa e da Cúria Romana**. São Paulo: Paulus, 2002.

JOÃO CRISÓSTOMO. **Sobre o Sacerdócio**. [s.l]:[s.n], 2021.

Disponível em: < <http://www.cristianismo.org.br/sacerdotio-2.htm>>. Acesso em 10 jun. 2021.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte***.

Vaticano: 2001. Disponível em: < [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20010106\\_novo-millennio-ineunte.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html)>. Acesso em: 04 maio 2021.

\_\_\_\_\_. **Carta Apostólica *Redemptoris Missio***. Roma: 1990.

Disponível em: < [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)>. Acesso em 10 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia***. Vaticano: 2003.

Disponível em: < <http://www.vatican.va/content/john-paul->

ii/pt/encyclicals/documents/hf\_jp-ii\_enc\_20030417\_eccl-de-euch.html>. Acesso em 13 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater***. Roma: 1987. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031987\\_redemptoris-mater.html#\\_ftn4](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html#_ftn4). Acesso em 04 maio 2021.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis***. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

KASPER, Walter. **Servidores da alegria: existência sacerdotal – serviço sacerdotal**. São Paulo: Loyola, 2008.

MILLEN, Maria Inês de C. Poder, pobreza e serviço: a formação da identidade do curador ferido. In: TRASFERETTI, José A.; MILLEN, Maria Inês de C.; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). **Formação: desafios morais**. São Paulo: Paulus, 2018.

MORO, Celito. **A formação presbiteral em comunhão para a comunhão: perspectivas para as casas de formação**. Aparecida: Santuário, 1997.

NORIEGA, Roberto. **Ministério sacerdotal: a responsabilidade ética na arte de servir**. Trad. Oscar Ruben Lopez Maldonado. Petrópolis: Vozes, 2020.

NUNES, Jorge M. da Rocha. **Espiritualidade sacerdotal ministerial: o contributo de João Paulo II nas Cartas aos Sacerdotes**. 137 p. Dissertação (Mestrado integrado) – Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, Porto, 2011.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus***. Roma: 1974. Disponível em: < [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19740202\\_marialis-cultus.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html) >. Acesso em: 08 mar. 2021.

PETERMANN, André S. **A formação integral do presbítero hoje para uma vida de comunhão**. 166 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS. **A missionariedade**: alguns de seus fundamentos. (Cord. Maurício da Silva Jardim). São Paulo: Loyola; Brasília: Pontifícias Obras Missionárias, 2009.

RETAMALES, Santiago S. **Os discípulos de Jesus**: relatos e imagens de vocação e missão na bíblia. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHULZ, A. **Discípulos do Senhor**. Trad. Georges Ignacio Maissiat. São Paulo: Paulinas, 1969.

SOBRINO, Jon. Seguimento de Jesus. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAYO-ACOSTA, J. J (Orgs.). **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999.

SUES, Paulo. **Introdução à teologia da missão**: convocar e enviar: servos e testemunhas do reino. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Coleção iniciação à teologia).

TERESA DE LISIEUX. **História de uma alma**. 8. ed. Trad. Amando Adriano Lochu. São Paulo: LES, 1958.

VIANA, Wellistony C. **Um longo e belo caminho**: um itinerário para seminaristas. Brasília: CNBB, 2013.